Presidência do Governo

Resolução do Conselho do Governo n.º 305/2021 de 30 de dezembro de 2021

O programa do XIII Governo Regional define que a estratégia para a agricultura açoriana pressupõe uma visão de futuro, assente numa agricultura mais sustentável, mais diversificada e adaptada às condições edafo-climáticas dos Açores.

No âmbito dos departamentos que integram o XIII Governo Regional dos Açores, compete à Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural, colaborar, definir e orientar medidas, no domínio das atividades agrárias em cooperação e parceria com entidades privadas de cariz associativo e cooperativo que assumam um papel relevante na matéria.

Para o efeito, foi criado um grupo de trabalho que elaborou o Plano Estratégico para a Floricultura na Região Autónoma dos Açores, no qual são analisadas, detalhadamente, as ações da estratégia nacional, e a sua adaptação às caraterísticas específicas da Região Autónoma dos Açores, no qual é definido um plano estratégico específico com medidas próprias e exclusivas, baseadas no conhecimento atual do estado de desenvolvimento da floricultura na Região Autónoma dos Açores.

Mediante o disposto no documento elaborado pelo grupo de trabalho, considera-se oportuno adotar as linhas de orientação constantes do Plano Estratégico da Floricultura na Região Autónoma dos Açores, nomeadamente as estratégias e os respetivos objetivos operacionais e ações a desenvolver, a curto e médio prazo.

A aprovação do Plano Estratégico da Floricultura na Região Autónoma dos Açores cria condições para: (1) o fomento e a expansão das áreas de exploração de produtos florícolas, através da melhoria da sua viabilidade técnica e do reforço da sua importância económica; (2) o aumento e diversificação da produção e, consequentemente, a oferta de produtos com origem na produção biológica, promovendo a sua competitividade e rentabilidade comercial nos mercados interno e externo; (3) a promoção do conhecimento técnico-científico e elevar do nível de competências sobre produção nas condições edafoclimáticas específicas regionais; (4) a dinamização da inovação empresarial e a disponibilidade de informação estatística do mercado de produtos florícolas com aposta nas gerações futuras e no reforço das parcerias, através do desenvolvimento de ações de divulgação, informação e sensibilização e (5) o aumento da procura destes produtos, através da criação efetiva de diferentes fileiras, e a abertura de novos mercados.

No período compreendido entre o dia 21 de outubro e o dia 15 de novembro de 2021, a proposta de Plano Estratégico para a Floricultura na Região Autónoma dos Açores foi submetida a consulta pública, tendo os contributos resultantes da participação dos cidadãos e das diversas entidades públicas e privadas, sido considerados e valorados na redação final do documento.

Assim, nos termos das alíneas d) e e) do n.º 1 do artigo 90.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores e do artigo 12.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 28/2020/A, de 10 de dezembro, retificado nos termos da Declaração de Retificação n.º 3/2020/A, de 24 de dezembro, o Conselho do Governo resolve:

1. Aprovar o Plano Estratégico para a Floricultura na Região Autónoma dos Açores, que é publicado em anexo à presente resolução e que dela faz parte integrante.

2. Criar um grupo operacional, cuja constituição e funcionamento são definidos por despacho do membro do Governo responsável pelas áreas da agricultura e do desenvolvimento rural, para acompanhar a implementação do Plano Estratégico para a Floricultura na Região Autónoma dos Açores, referido no número anterior.

3. Determinar que a presente resolução entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Aprovada em Conselho do Governo, em Ponta Delgada, em 27 de dezembro de 2021. - O Presidente do Governo, *José Manuel Bolieiro.*

JO JORNAL OFICIAL REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

I SÉRIE N.º 222 QUINTA-FEIRA, 30 DE DEZEMBRO DE 2021

PLANO ESTRATÉGICO PARA A FLORICULTURA NA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

GOVERNO DOS AÇORES

Este documento foi elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pelo Despacho nº 1135/2021 de 28 de maio de 2021, por Sua Excelência o Senhor Secretário Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural.

COORDENADOR

Eng.º António Barreiros Domingues

Serviço de Desenvolvimento Agrário da Graciosa (Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural)

MEMBROS DO GRUPO DE TRABALHO

Eng.º Manuel Jorge da Silva Melo

Gabinete do Secretário Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural (Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural)

Eng.º Diogo Ferreira Araújo

Direção Regional da Agricultura (Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural)

Eng.ª Ana Catarina Faria Silva Durão

Serviço de Desenvolvimento Agrário de São Miguel (Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural)

Eng.ª Grácia do Carmo Cardoso Mendes Valente

Direção Regional do Desenvolvimento Rural (Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural)

Eng.º Francisco Gabriel Medeiros Faria Ribeiro

Gabinete de Planeamento (Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural)

Paulo Jorge Fernandes Rocha

Federação Agrícola dos Açores

Índice

1. Enquadramento *10*

1.1 Panorama da floricultura a nível Mundial, Europeu e Nacional **10**

2. Floricultura na RAA *16*

2.1 Ilha Terceira **19**

2.2 Faial **20**

2.3 São Miguel **21**

2.4 Santa Maria, São Jorge, Graciosa, Flores e Corvo **24**

2.5 Pico **24**

3. Floricultura para exportação *25*

3.1 Principais produtos florícolas produzidos na RAA para exportação **25**

3.2 Evolução da produção florícola para exportação **25**

3.3 Organização do setor para exportação **29**

3.4 Transportes e comercialização dos principais produtos florícolas **30**

4. Floricultura ornamental e paisagística na RAA *32*

4.1 Principais espécies ornamentais com impacto paisagístico na RAA **33**

4.2 Turismo e floricultura **37**

5. Formação Profissional SRADR *39*

6. Apoios institucionais *42*

6.1 PROAMAF **42**

6.2 PROAGRI **42**

6.3 I9AGRI **43**

6.4 PRORURAL+ **43**

6.5 POSEI **58**

7. Floricultura em Modo de Produção Biológico *62*

8. Apicultura como atividade complementar à floricultura *63*

9. Análise SWOT à situação atual da floricultura na RAA *64*

10. Objetivos estratégicos para o desenvolvimento da floricultura na RAA *69*

Índice de quadros

Quadro 1 - Principais 10 países do mundo (2018) que cultivam e produzem flores de corte (Petal Republic, 2021) 12

Quadro 2 - Evolução da produção de flores na Europa (1986 a 2019) (Nation Master, 2021) 12

Quadro 3 - Ações dirigidas a técnicos SRADR e/ou a Organizações de Agricultores que intervêm no apoio técnico aos ativos do setor agrícola (Fonte: DRAg) 39

Quadro 4 - Ações dirigidas a jovens agricultores, a ativos dos setores agrícola e a outros, não ativos nos setores (Fonte: DRAg) 40

Quadro 5 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: número de pedidos de apoio aprovados, entre 2015 e 2020 (Fonte: DRDR) 45

Quadro 6 - Ajuda ao acondicionamento de Próteas, na RAA, em 2019 e 2020 56

Quadro 7 - Ajuda aos produtores de hortofrutiflorícolas e Outras Culturas, na RAA, em 2019 e 2020) 57

Índice de figuras

Figura 1 - Explorações e área base por tipo de floricultura, por NUTS II (2002-2012) (INE, 2013) .. 14
Figura 2 - Distribuição das áreas por tipo de floricultura, por NUTS II (2012) (INE, 2013) …… 15
Figura 3 - Área das principais flores de corte, por espécie 2012-2002 (INE, 2013) …… 16
Figura 4 - Forma de exploração da área florícola na ilha Terceira …… 20
Figura 5 - Forma de exploração da área florícola na ilha do Faial …….. 21
Figura 6 - Forma de exploração da área florícola na ilha de São Miguel …… 23
Figura 7 - Nº de hastes de proteáceas exportadas nas últimas 15 campanhas pela Frutercoop …. 26
Figura 8 - Nº de hastes de proteáceas exportadas nas últimas 9 campanhas pela CAIF …… 27
Figura 9 - Forma de escoamento da produção comercializada (%) (SREA, 2017) …….. 28
Figura 10 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: número de Pedidos de Apoio, aprovados e em execução, na RAA, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR) …….. 44
Figura 11 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: área instalada com espécies florícolas, por ilha , entre 2015-2020 (Fonte: DRDR) …….. 44
Figura 12 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: áreas de culturas florícolas instaladas, ao ar livre e sob coberto, por ilha, , entre 2015-2020 (Fonte: DRDR) …… 45
Figura 13 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: montantes aprovados de investimento elegível e subsídio, por ilha, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR) …… 46
Figura 14 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: montantes aprovados, com comparação entre o investimento elegível total de explorações que incluem floricultura com o investimento exclusivo em floricultura das mesmas, na RAA, entre 2015-2020 47
Figura 15 - PRORURAL+ sub-medida 6.1 - Instalação de Jovens Agricultores: número de Pedidos de Apoio aprovados, em explorações que incluem setor florícola, por ilha, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR) 48
Figura 16 - PRORURAL+ sub-medida 6.1 - Instalação de Jovens Agricultores: montantes aprovados, por ilha, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR) 48
Figura 17 - PRORURAL+, Intervenção 10.1.3 - Conservação de sebes vivas: número de Pedidos de Apoio aprovados de explorações com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR) 50

Figura 18 - PRORURAL+, Intervenção 10.1.3 - Conservação de sebes vivas: áreas com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR) 50

Figura 19 - PRORURAL+, Intervenção 10.1.3 - Conservação de sebes vivas: montantes pagos referentes às áreas com ocupação cultural de floricultura, na RAA, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR) 51

Figura 20 - PRORURAL+, MAAZD: número de Pedidos de Apoio aprovados com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR) 52

Figura 21 - PRORURAL+, MAAZD: áreas com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR) 52

Figura 22 - PRORURAL+, MAAZD: montantes pagos a explorações com ocupação cultural de floricultura, na RAA, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR) 53

Figura 23 - Ajuda aos Produtores de Hortofrutiflorícolas e outras culturas: número de beneficiários, por ilha, em 2020 57

Figura 24 - Ajuda aos Produtores de Hortofrutiflorícolas e outras culturas: área instalada com culturas florícolas, por ilha, em 2020 58

Figura 25 - Ajuda aos Produtores de Hortofrutiflorícolas e outras culturas: montantes pagos às explorações florícolas, por ilha, em 2020 58

Siglas e Acrónimos

CAIF – Cooperativa Agrícola da Ilha do Faial

CBI - Centre for the Promotion of Imports from developing countries

CP – Curto Prazo

DRAg – Direção Regional da Agricultura

DRDR – Direção Regional do Desenvolvimento Rural

DSA – Direção de Serviços de Agricultura

GRA – Governo Regional dos Açores

IFPO - Inquérito à Floricultura e Plantas Ornamentais

IPA - Internacional Protea Association

MP – Médio Prazo

MPB – Modo de Produção Biológico

OP – Organização de Produtores

PA – Pedido de Apoio

PA's – Pedidos de Apoio

PF's - Produtos Fitofarmacêuticos

RAA – Região Autónoma dos Açores

SDA – Serviço de Desenvolvimento Agrário

SDA's – Serviços de Desenvolvimento Agrário

SDAF - Serviço de Desenvolvimento Agrário do Faial

SDASM - Serviço de Desenvolvimento Agrário de São Miguel

SDAT - Serviço de Desenvolvimento Agrário da Terceira

SO – Serviços Oficiais

SRADR – Secretaria Regional da Agricultura e do Desenvolvimento Rural

SREA – Serviço Regional de Estatística dos Açores

SROPC – Secretaria Regional das Obras Públicas e Comunicações

Agradecimentos

O Grupo de Trabalho agradece, no âmbito da definição deste Plano Estratégico, a todos intervenientes e auscultados que com o seu contributo possibilitaram o enriquecimento deste documento.

O nosso agradecimento também aos Diretores de Serviço de Ilha e Chefes de Divisão dos SDA's, assim como aos técnicos que acompanharam e colaboraram com este Grupo de Trabalho no âmbito das auscultações realizadas e demais tarefas: Eng.º Álvaro Vitorino, Eng.º Fernando Barbosa, Eng.º Luís Souto, Eng.º Ângelo Duarte e Eng.º André Costa. Ao Prof. Dr. Luís Filipe Souto e Eng.º Paulo Miranda.

Nota Introdutória

O conceito de floricultura é muito abrangente e pode ser entendido como um ramo de atividade agrícola focado no cultivo de plantas florícolas - flores ou folhagens de corte ou ainda plantas ornamentais.

Nos Açores, a floricultura é uma atividade de amplo espectro, sendo cultivadas flores e plantas ornamentais para diversos fins, tais como flores de corte, plantas ornamentais envasadas, jardinagem e floricultura de paisagem, entre outros. Não está incluída neste Plano Estratégico a temática das flores comestíveis.

A floricultura faz parte da vivência dos açorianos, quer seja em termos ornamentais e paisagísticos, quer seja pelo seu cultivo para fins comerciais.

Este é um setor que tem vindo a crescer nos últimos anos e é crucial que se criem linhas orientadoras para o seu desenvolvimento sustentável.

Este plano estratégico é um contributo que visa dinamizar e melhorar o desempenho da floricultura, no qual é apresentada uma caraterização do estado atual da floricultura na RAA, de forma abrangente, apontando as suas valências, mas também as principais preocupações ou limitações que lhe são afetas.

A realidade florícola nos Açores não é a mesma em todas as ilhas, sendo que cada uma apresenta potencialidades e limitações ao seu desenvolvimento. As ilhas Terceira, Faial e São Miguel, tem apresentado alguns avanços no setor, todavia carecem ainda de infraestruturas, apoio técnico, formação e experimentação. Nas restantes ilhas da nossa Região a floricultura estagnou (ou mesmo regrediu), ficando estas dependentes da importação de produtos florícolas para o consumo local.

Perante o referido, este plano apresenta um conjunto de ações a desenvolver a curto e médio prazo que permitirão alavancar o desenvolvimento e a dinâmica da floricultura na RAA, dando outra dimensão a este setor no que respeita, nomeadamente, à exportação e à produção de produtos florícolas para consumo interno.

Trata-se, pois, de um documento de base para a ação do Governo dos Açores e para a definição das melhores políticas para o setor da floricultura nos próximos 6 anos.

1. Enquadramento

1.1 Panorama da floricultura a nível Mundial, Europeu e Nacional

1.1.1 - A floricultura a nível Mundial e Europeu

A nível mundial a floricultura tem vindo a evoluir para sistemas cada vez mais intensivos, com sistemas de produção forçada, onde todos os fatores que influenciam no crescimento e desenvolvimento das plantas tendem a ser controlados de forma a proporcionar maior rentabilidade por unidade de área e produtividades e padrões de qualidade impressionantes. O domínio da tecnologia tornou-se determinante para o desenvolvimento deste setor, ao ponto de deixar os países menos desenvolvidos em dificuldades no que respeita à competição em mercados de culturas florícolas produzidas em ambiente controlado. Por outro lado, as empresas multinacionais de produção de flores de corte passaram a deslocar as suas zonas de produção para países de mão de obra mais barata (como por exemplo países da América do Sul ou África) e que apresentam condições climatéricas mais favoráveis para a produção. A conjugação destes fatores resulta no abaixamento do custo de produção, aumento da capacidade fornecimento regular dos mercados e, consequentemente, numa maior rentabilidade financeira.

Como resultado, a produção (área) de flores de corte nos Países Baixos e em outros países da Europa está a decrescer gradualmente. O número de empresas está a diminuir rapidamente, acompanhado pelo aumento da dimensão média das empresas. A produção de rosas, em particular, está a deslocar-se para outros continentes, principalmente para África (CBI, 2016).

As cadeias de transporte também têm evoluído de forma a preservar melhor a qualidade das flores, por períodos cada vez mais longos, o que permite chegar a destinos cada vez mais longínquos da produção e que antes eram difíceis de abastecer de forma satisfatória. A relação entre a produção e o mercado está cada vez mais próxima, com sistemas de logística à escala mundial extremamente eficazes.

Hoje é possível um cliente abastecer-se durante todo o ano com o mesmo produto florícola, podendo este ser produzido na mesma origem ou em origens diferentes (dependendo do tipo de produto). Nestes casos há sempre um custo ambiental associado, devido à necessidade de transporte aéreo e marítimo com cadeias de frio regular, assim como sistemas intensivos com enormes custos ambientais e uma elevada pegada ecológica.

Tendo em conta o descrito anteriormente, e no que respeita aos Açores, as flores aqui produzidas para exportação entram nos circuitos mundiais de distribuição através do mercado dos Países Baixos, chegando, através deste, a mercados longínquos onde antes se julgava impossível.

A floricultura a nível mundial tem vindo a crescer ao longo dos últimos 20 anos com cadeias de mercado bem definidas onde os Países Baixos lideram com mais de 40% das exportações. Já no que respeita à

produção, os Países Baixos lideram com 52% do total mundial de cultivo e produção de flores de corte. Seguidamente, apresentam-se os 10 principais países do mundo que cultivam e produzem flores de corte (Petal Republic, 2021).

Quadro 1 - Principais 10 países do mundo (2018) que cultivam e produzem flores de corte (Petal Republic, 2021)

Posição	País	% da Produção Global
1	Países Baixos	52%
2	Colômbia	15%
3	Equador	9%
4	Quénia	7%
5	Bélgica	3%
6	Etiópia	2%
7	Malásia	1%
8	Itália	1%
9	Alemanha	1%
10	Israel	1%

À escala europeia, observando a evolução da produção de flores nos últimos 33 anos, Portugal está posicionado no oitavo lugar no ranking de países produtores de flores com 601,05 milhões de euros de flores produzidas e com uma taxa de crescimento anual, desde 2014, de 6,2%. A produção de flores na Europa é liderada pelos Países Baixos, com 6.866,22 milhões de euros de flores produzidas e com um crescimento médio anual de 1,1%. O país que mais tem crescido em produção de flores é a Estónia que, apesar de ter uma produção de apenas 22,76 milhões de euros, apresenta uma taxa de crescimento de 52,0%. Em sentido oposto está a Roménia, cujo crescimento em flores produzidas é negativo em -15%, com uma produção de 52,13 milhões de euros.

Quadro 2 - Evolução da produção de flores na Europa (1986 a 2019) (Nation Master, 2021)

Posição	País	Produção em 2019 (milhões de euros)	% de crescimento desde 2014 (média anual)
1	Países Baixos	6.866,22	+1,1%
2	França	2.823,35	-0,2%
3	Itália	2.792,23	+1,6%
4	Espanha	2.733,33	+5,6%
5	Alemanha	2.313,33	0,0%
6	Reino Unido	1.493,20	+0,6%

7	Suíça	608,13	+2,4%
8	Portugal	601,65	+6,2%
9	Bélgica	527,64	+0,6%
10	Dinamarca	470,14	+1,7%
11	Áustria	383,97	+3,2%
12	Suécia	238,35	0,0%
13	República Checa	159,54	+4,1%
14	Polónia	151,91	+3,6%
15	Noruega	140,94	-4,9%
16	Hungria	125,62	-2,3%
Posição	**País**	**Produção em 2019 (milhões de euros)**	**% de crescimento desde 2014 (média anual)**
17	Croácia	115,03	+1,4%
18	Finlândia	114,77	-0,1%
19	Grécia	89,07	+2,7%
20	Irlanda	70,64	+5,0%
21	Roménia	52,13	-15,0%
22	Eslovénia	36,10	+0,7%
23	Eslováquia	32,68	+16,7%
24	Estónia	22,76	+52,0%
25	Lituânia	16,02	+2,8%
26	Chipre	14,32	+5,1%
27	Bulgária	13,83	+1,9%
28	Letónia	13,68	+16,0%
29	Islândia	9,74	+9,9%
30	Luxemburgo	3,94	+1,8%
31	Malta	2,92	+0,5%

Com base nesta informação podemos dizer que a produção de flores na Europa tem vindo a aumentar na maioria dos países. Em geral, os Países Baixos são quem tem os sistemas produtivos de flores mais desenvolvidos. Os sistemas produtivos que implementam são forçados, mecanizados e robotizados, onde

o controlo de todas as condições ambientais gera uma grande produtividade. Além do mais dispõem de um sistema de mercado muito bem organizado com cadeias de logística e distribuição altamente eficientes.

Para as culturas que não se adaptam tão bem aos sistemas forçados em ambiente controlado, os países do sul da Europa conseguem produzir com melhores condições devido à sua posição geográfica, com mais luz e temperatura e, normalmente, com mão de obra mais barata (ex: Portugal). Contudo, muita da produção exportada destes países acaba por ser vendida através do mercado dos Países Baixos que garante o escoamento com os seus canais de distribuição mundial.

Relativamente à comercialização de flores, folhagens e plantas ornamentais, os Países Baixos funcionam como um entreposto de compra e venda, recebendo a produção dos países europeus e de países terceiros, fazendo também a distribuição a nível mundial. De destacar ainda que, em termos comerciais, a forma de venda de flores na Europa tem vindo a mudar nos últimos anos. A revenda é cada vez mais feita de forma direta, em detrimento dos tradicionais leilões holandeses. De referir também que o consumidor compra cada vez mais as flores de corte e plantas envasadas em superfícies comerciais (do tipo *Garden Centers*) ou via *internet,* em vez de recorrer aos tradicionais estabelecimentos floristas ou "floristas de rua".

Os maiores mercados de consumo na Europa são a Alemanha, o Reino Unido, a França e a Itália. Os Países Baixos são o importador mais importante da produção dos países em desenvolvimento, além de serem os maiores produtores de flores de corte, com os leilões de flores holandeses a funcionarem como o principal centro de comércio. No mercado europeu a rosa é a flor de corte de eleição, com mais de 5 mil milhões de hastes importadas de países terceiros em 2014 (CBI, 2016). No que respeita a Portugal, o nosso país importa muitos dos produtos florícolas dos Países Baixos ou da vizinha Espanha.

Relativamente às proteáceas, os países do Hemisfério Sul, tais como África do Sul e Austrália, são os maiores produtores e exportadores. A África do Sul exporta para o mercado holandês com produção em contraciclo à produção do Hemisfério Norte. A Austrália concentra mais a sua exportação para o mercado asiático. Em Portugal, além das Regiões Açores e Madeira, são a considerar algumas explorações no Oeste do Alentejo e Algarve. Também na Europa as ilhas Canárias (La Palma, Tenerife e Gran Canária), Israel e Itália são produtores de próteas, sendo a Itália o país europeu que revela maior expressão na produção de próteas envasadas.

1.1.2 - A floricultura a nível Nacional

De acordo com o *Inquérito à Floricultura e Plantas Ornamentais 2012*, em Portugal existiam 1 010 explorações a produzir culturas florícolas, numa área base de 1 365 ha, dos quais 564 ha com flores de corte, 185 ha com folhagens de corte e complementos de flor e 617 ha com plantas ornamentais (INE, 2013). Neste inquérito é referido que na RAA existem 90 explorações a produzir culturas florícolas numa área base de 81 ha, o que corresponde a cerca de 9% das explorações nacionais e 6% da área nacional, respetivamente. Dentro da floricultura a atividade mais representativa a nível nacional é a produção de

flores de corte, para as quais a RAA representa 10% das explorações, com área base de produção de 74 explorações e 56 ha, respetivamente.

Unidades: Expl. - nº; Area - ha; Var. - %

NUTS II		Total			Tipos de floricultura								
					Flores de corte			Folhagens de corte e complementos de flor			Plantas ornamentais		
		2002	2012	Variação 2012/2002	2002	2012	Variação 2012/2002	2002	2012	Variação 2012/2002	2002	2012	Variação 2012/2002
Portugal	Expl.	1 415	1 010	-29	1 189	736	-38	440	356	-19	274	312	14
	Área	1 036	1 365	32	495	564	14	163	185	13	377	617	64
Continente	Expl.	1 217	785	-35	1 005	538	-46	407	259	-36	240	261	9
	Área	893	1 239	39	381	474	24	160	165	3	352	601	71
Norte	Expl.	629	402	-36	577	320	-45	196	121	-38	61	92	51
	Área	244	246	1	135	114	-15	21	12	-43	88	119	35
Centro	Expl.	367	194	-47	294	136	-54	124	82	-34	87	64	-26
	Área	203	274	35	80	75	-6	9	15	65	114	183	62
Lisboa	Expl.	92	74	-20	71	43	-39	43	29	-33	26	30	15
	Área	153	226	47	100	130	30	32	33	3	22	63	192
Alentejo	Expl.	67	57	-15	42	30	-29	38	21	-45	23	27	17
	Área	196	353	80	42	145	243	97	97	0	57	111	95
Algarve	Expl.	62	58	-6	21	9	-57	6	6	0	43	48	12
	Área	96	140	47	24	9	-64	1	8	590	71	124	75
Açores	Expl.	70	90	29	61	74	21	18	30	67	23	25	9
	Área	107	81	-24	82	56	-32	3	15	391	22	10	-55
Madeira	Expl.	128	135	5	123	124	1	15	67	347	11	26	136
	Área	36	45	24	32	34	6	0	5	1 744	4	6	47

Figura 1 - Explorações e área base por tipo de floricultura, por NUTS II (2002-2012) (INE, 2013)

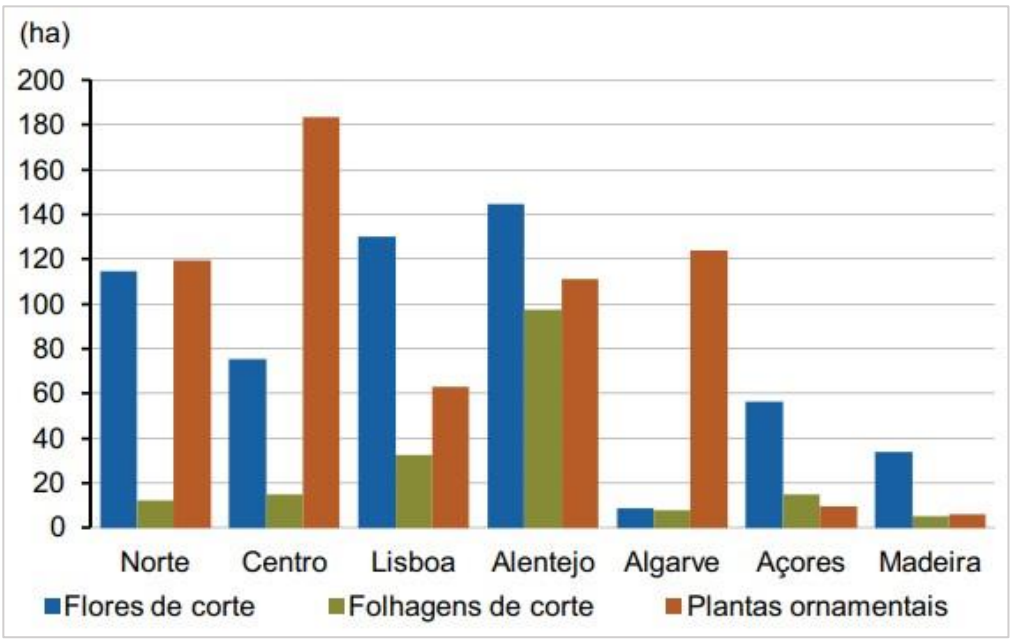

Figura 2 - Distribuição das áreas por tipo de floricultura, por NUTS II (2012) (INE, 2013)

De acordo com dados do Ministério da Agricultura, em 2018, o setor das plantas e flores gerou uma receita de cerca de 600 milhões de euros, o que corresponde a 7,6% da produção agrícola nacional, com uma taxa de crescimento médio anual de 6,3% do valor da produção. As exportações têm acompanhado esta evolução. A sua taxa de crescimento médio anual é de 10% e confirma o reconhecimento internacional da produção portuguesa. Em 2018 o valor das exportações nesta área era da ordem dos 73 milhões de euros. Um ano depois, em 2019, já chegava aos 89 milhões. De resto, em 2012, no auge da crise económica, os dados apurados pelo Instituto Nacional de Estatística indicavam que a floricultura era o setor agrícola que mais mão de obra empregava, sendo a maior parte dela permanente (Martins, 2020).

Embora Portugal também seja importador de flores de corte e plantas ornamentais, "o mercado interno continua a ser o maior cliente". Datas temáticas, como o dia de São Valentim, da Mulher, da Mãe ou de Finados são o “Natal dos floristas”, mas mesmo nessas ocasiões sazonais há espécies que não interessam aos produtores portugueses, são exemplo os casos das orquídeas ou dos antúrios (Martins, 2020).

No nosso país a prótea é a flor de corte mais representativa, ocupando 20% da superfície produtiva em 2012, seguindo-se a rosa (11%), o cravo/cravina (11%), o gladíolo (9%), o *Lilium sp.*ou coroa imperial (8%), a gerbera (7%) e o crisântemo (6%). De referir que a rosa (-3 ha), o cravo/cravina (-15 ha) e o *Lilium sp.* (-3 ha) registaram decréscimos de áreas nos últimos 10 anos. Em contrapartida a área de prótea quase triplicou, atingindo os 125 ha em 2012 (INE, 2013). De ter em conta que a nível nacional a área de cultivo das próteas tem aumentado significativamente, o que revela o grande interesse e procura pelo mercado.

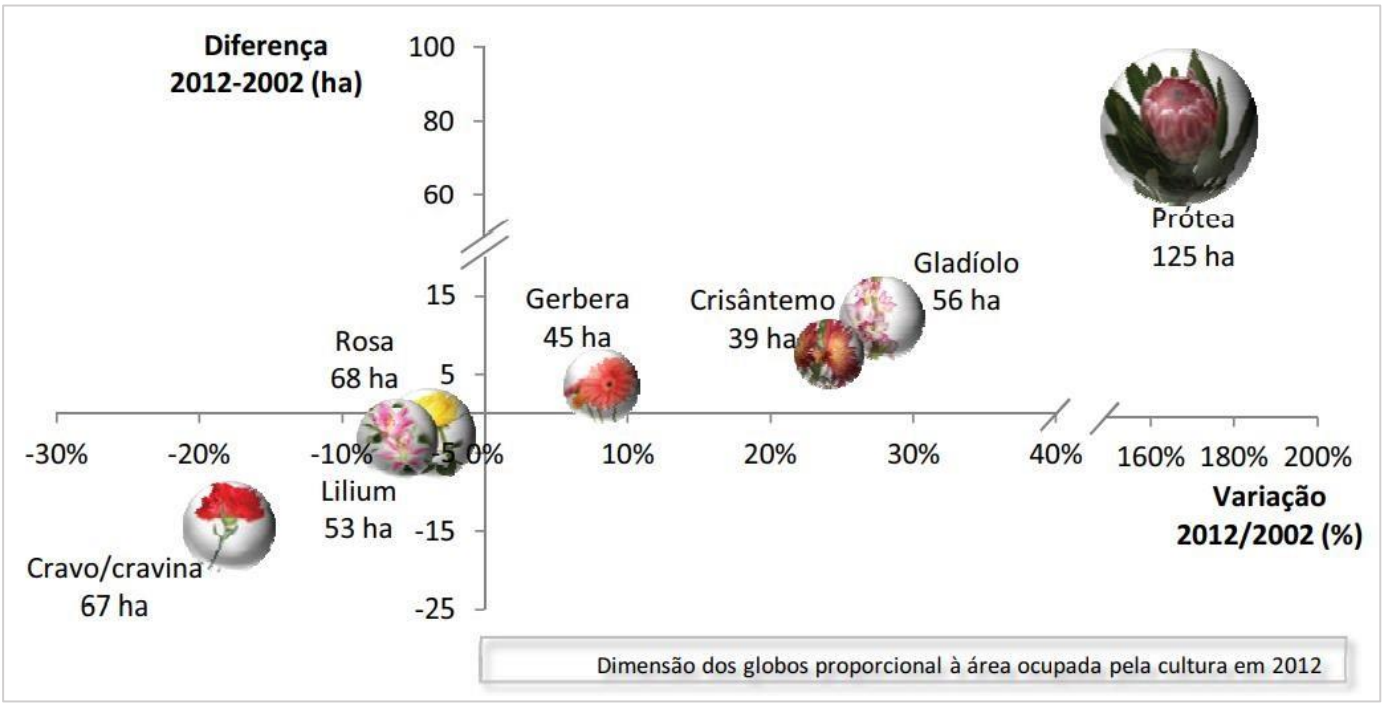

Figura 3 - Área das principais flores de corte, por espécie 2012-2002 (INE, 2013)

Em termos regionais, 57% da área de próteas foi explorada no Alentejo e 30% nos Açores, existindo ainda na Madeira uma área de produção relativamente importante (12%). Por outro lado, a produção de rosas localiza-se maioritariamente no Centro (40% em 2012), no Norte (37%) e em Lisboa (17%) (INE, 2013).

É de considerar em Portugal Continental o Alentejo, onde existem explorações de próteas para flores de corte com produção para o mercado nacional e para exportação. Nesta região é feita também a produção de plantios, sendo um dos principais locais de importação de plantios de próteas para os Açores. O Alentejo, a par das ilhas Canárias, são os principais competidores de flores de corte de próteas dos Açores, produzindo flores no mesmo período comercial.

A composição da área base de folhagens de corte não registou, nas principais regiões produtoras, grandes alterações nos últimos 10 anos. No Alentejo a produção é efetuada praticamente na sua totalidade ao ar livre, com grandes áreas de fetos, *Leucadendron* e *Asparagus*, enquanto em Lisboa é maioritariamente em estufa, onde a produção é mais diversificada (INE,2013).

O IFPO 2012 registou cerca de 60 milhões de plantas ornamentais comercializadas, pertencentes a mais de 360 espécies diferentes, com múltiplas valorizações comerciais. A fúchsia (brincos de princesa) e a petúnia foram as espécies mais comercializadas em 2012, representando, em conjunto, quase 1/3 (31%) do número total de plantas ornamentais. Das principais plantas ornamentais, o crisântemo foi a única a apresentar um decréscimo da produção comercializada face a 2002 (-71%). De referir que esta espécie, para além da produção como planta ornamental, também tem expressão como flor de corte, tendo registado neste setor um aumento de área de 24% (+8 ha). Os *garden centers* constituem a principal forma de escoamento das plantas ornamentais, comercializando 39% da produção total em 2012, seguindo-se o mercado externo (25%) (INE, 2013).

2. Floricultura na RAA

A floricultura nos Açores tem vindo a ganhar expressão, sendo vista como um setor de atividade rentável, quer seja como atividade principal ou complementar.

Nos últimos anos o setor evoluiu em duas vertentes bem demarcadas em função do destino dos produtos florícolas: consumo interno na RAA ou exportação. A floricultura para consumo interno é muito diversificada, com produção ao ar livre ou em estufa. Todavia a Região é ainda dependente da importação de muitos produtos florícolas, sejam flores de corte, folhagens, plantas envasadas, plantios, propágulos, sementes, entre outros. A floricultura para exportação, produzida maioritariamente ao ar livre, tem crescido nos últimos anos e tem-se afirmado com a qualidade dos produtos exportados, principalmente na cultura de próteas, a qual tem vindo a merecer destaque nos mercados internacionais.

Importa, pois, realçar também que a floricultura nas ilhas açorianas tem realidades completamente distintas em cada ilha em que cada uma tem condições e condicionantes diferentes para o seu desenvolvimento.

A floricultura nos Açores vai mais além de gerar apenas produtos agrícolas, está também marcada na paisagem e desempenha um importante papel socioeconómico e de valor turístico.

Num período em que se assiste a uma mudança para sistemas de cultivo que geram uma melhor sustentabilidade ambiental e preservação do meio ambiente, é importante criar diretrizes neste sentido e desenvolver a floricultura para que esta contribua cada vez mais para o aumento da diversidade agrícola na RAA.

As explorações florícolas dos Açores variam na sua dimensão, sendo normalmente entre 1.000 m^2 e os 50.000 m^2. A rentabilidade por unidade de área é muito variável, dependendo das variedades produzidas e densidades de plantação. A mão de obra é maioritariamente familiar, tendo as explorações de maior dimensão mão de obra contratada à razão mínima de um trabalhador permanente por hectare. Nos períodos de colheita e também para apoiar algumas tarefas de maneio da cultura é contratada mão de obra sazonal, dependendo das necessidades da exploração.

A maioria das explorações de próteas são cultivadas em Proteção Integrada. Registaram-se tentativas de produção em MPB, especialmente no Faial, mas alguma ineficácia no controlo de problemas fitossanitários colocou em causa a qualidade do produto no mercado internacional. A falta de diferenciação na qualidade dos produtos certificados em modo de produção biológico, sem criação de um produto de maior valor acrescentado, também contribuiu para o abandono desta certificação por parte dos produtores que, na sua maioria, reverteu as suas explorações para a Proteção Integrada.

Segundo o inquérito do Serviço Regional de Estatística dos Açores, em 2017 existiam na RAA 86 explorações com culturas florícolas, que ocupavam uma área base de 93 ha, das quais 75 ha com flores de corte, 4 ha com folhagens de corte e complementos de flor e 14 ha com plantas ornamentais. A dimensão média das explorações era de 1,1 ha de área base. A área de estufas ocupava 5 ha de superfície florícola e as áreas ao ar livre eram claramente predominantes, ocupando 88 ha. As próteas são as flores de corte mais representativas na Região, ocupando 73% da superfície produtiva das flores de corte, seguidas pelas hortênsias que ocupam respetivamente 14% da área de produção. Nas folhagens de corte e complementos de flor a diversidade das espécies é evidente, sendo o feto, o *Ruscus sp.* e a camélia as mais representativas. Observa-se uma diversidade ainda maior nas plantas ornamentais, sendo a mais representativa a petúnia, seguida do *Pelargoinum sp.* (vulgarmente conhecida por sardinheira) e da poinsétia. A utilização de mão de obra familiar nas explorações florícolas é significativa, sendo que 47,7% das explorações utiliza exclusivamente mão de obra familiar. Contudo, nas explorações que recorrem apenas à mão de obra familiar, 72% dos indivíduos ocupa menos de 50% do seu tempo na atividade afeta à floricultura. Pelo contrário, na mão de obra não familiar, 36% são trabalhadores a tempo inteiro (SREA, 2017).

Durante as visitas e auscultações a produtores de flores, agentes comerciais e outras entidades com atividade na floricultura na RAA, pôde-se constatar que o desenvolvimento da floricultura difere muito entre as 9 ilhas do Arquipélago. Temos 3 ilhas onde a floricultura se destaca pelo seu desenvolvimento e crescimento nos últimos anos, e outras em que este sector praticamente estagnou ou perdeu atividade. As 3 ilhas onde a floricultura mais se destaca são Terceira, Faial e São Miguel.

A floricultura evoluiu de várias formas, sendo a produção de próteas para exportação a atividade florícola que mais se destaca. Contudo, salienta-se que existe uma grande produção de flores de corte em estufa, principalmente na ilha de São Miguel, maioritariamente destinada ao mercado local e para expedição para as outras ilhas do arquipélago. Verifica-se que os agentes comerciais têm apostado na "engorda" de plantas envasadas, principalmente plantas da época, conseguindo produtos de excelente qualidade para o mercado local. De referir que toda a indústria florícola evoluiu, existindo mais floristas, empresas profissionais de jardinagem, maior ornamentação dos espaços públicos pelas câmaras municipais, espaços públicos do domínio da SROPC e SRADR e jardins particulares. No que respeita às floristas nota-se que este tipo de venda está a sofrer alterações, acompanhando a tendência mundial de mudança das floristas tradicionais para as "floristas de supermercado". Regista-se também que a formação em arte floral é de importante relevância para a apresentação dos produtos florícolas para o consumidor final e para a decoração de espaços para festividades ou eventos, sendo uma mais-valia para a promoção e venda no mercado local. A produção de plantas envasadas para jardinagem, principalmente plantas arbustivas e arbóreas, é outra atividade de importante relevância sendo a produção de palmeiras na ilha do Faial a que mais se destaca. Outra atividade, que presentemente não está devidamente legalizada e que tem interesse económico na região, é a colheita de hortênsias secas para exportação, assim como de outras espécies, como por exemplo, a folhagem de criptoméria.

Verifica-se que há carência na produção de folhagens de corte ("verdes") para o mercado local e que algumas espécies deste tipo de produto também podem ter interesse para exportação.

Na RAA a experimentação aplicada em floricultura praticamente parou nos últimos anos. Os SDA's, que já tiveram no passado um importante papel na experimentação de diversas culturas florícolas e que acompanharam a evolução e experimentação junto dos produtores, não têm neste momento trabalhos dessa natureza. Quando os têm, são trabalhos pontuais e feitos com escassos recursos, estando aquém das necessidades dos produtores, que se têm mostrado abertos para parcerias com os Serviços Oficiais. Verifica-se também que as diversas entidades com capacidade de fazer investigação ou experimentação em floricultura trabalham de forma isolada não se conhecendo o trabalho e os resultados que produzem.

De referir também que, de uma forma geral e principalmente no que respeita aos Serviços de ilha, há falta de formação em floricultura ao nível dos quadros técnicos da SRADR. Alguns técnicos da SRADR participaram em algumas formações realizadas para produtores, contudo, carecem de conhecimentos de base para dar apoio técnico e experimental. No setor da produção há igualmente necessidade de formação, quer em floricultura em geral, quer em algumas culturas em particular, quer em algumas temáticas específicas dentro deste setor.

2.1 Ilha Terceira

Na Terceira a cultura que mais tem evoluído nos últimos anos é a cultura de próteas, essencialmente com vista à exportação (ver capítulo 2.2). O mercado local também absorve parte da produção, muitas vezes de produtos sem qualidade de exportação, mas de possível venda no mercado local, que são usados em peças como arranjos florais e buquês. Também é comum serem usadas próteas de inferior qualidade na decoração de igrejas, cemitérios, festividades religiosas, ações fúnebres e coletividades (por ex. no Carnaval). Neste último caso as flores, geralmente, não entram na cadeia comercial por serem oferecidas pelos produtores.

Alguns agentes comerciais florícolas têm produção de flores para o mercado local, produzindo essencialmente para o mercado da ilha, mas também com expedição para as outras ilhas do arquipélago, enviando a sua produção juntamente com outros produtos importados. A ilha Terceira exporta flores de corte, folhagens e plantas envasadas para o grupo central e ocidental, sendo que muita desta expedição é de produtos importados fora da Região. De referir que os agentes comerciais de flores trabalham normalmente com mais do que uma atividade dentro da floricultura e, por vezes, a floricultura é complementar com outras atividades agrícolas.

A produção de plantas envasadas tem vindo a ganhar cada vez mais expressão, seja o processo de produção desenvolvido na sua totalidade ou apenas para "engorda" de produtos importados em determinada fase de desenvolvimento. Maioritariamente produzem-se plantas da época, vendidas no mercado local a particulares e a entidades públicas para a decoração de vias e de outros espaços públicos.

A produção em estufa é muito diversificada, sendo os antúrios, *Lilium sp.*, gladíolos, crisântemos e gerberas, as flores mais cultivadas.

Relativamente aos agentes comerciais, refere-se que se têm adaptado no sentido de reduzir excedentes de produção. É comum entre alguns dos comerciantes de flores e plantas ornamentais haver cooperação no fornecimento de alguns produtos para o mercado local.

Na figura 4 é apresentada a área florícola por tipo de exploração na ilha Terceira.

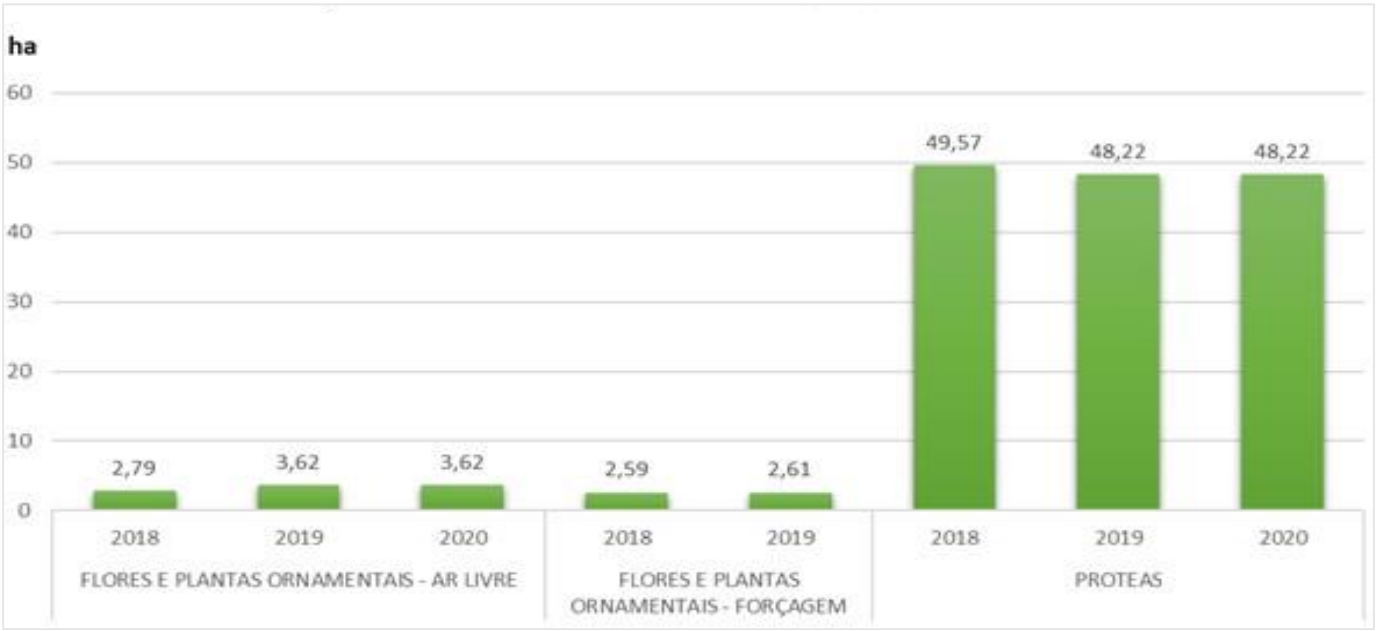

Figura 4 - Forma de exploração da área florícola na ilha Terceira

2.2 Faial

No Faial a cultura de próteas tem vindo a ganhar cada vez mais expressão, mas com um crescimento mais lento que o verificado na Terceira (ver capítulo 2.2). As intempéries que assolaram a ilha nos últimos anos têm deixado a produção aquém do seu potencial. À semelhança do que acontece na ilha Terceira, alguns produtos de próteas são vendidos no mercado local, por vezes hastes sem aceitação para exportação.

A floricultura no Faial evoluiu também com outros produtos florícolas. A produção de plantas envasadas de grande porte, como palmeiras, cicas e dracenas, entre outras, é uma das atividades mais importantes na ilha pela sua dimensão em área de produção (aproximadamente 20 ha) e revela um enorme potencial para a produção deste tipo de plantas. Contudo, constata-se que este tipo de produto precisa de evoluir quanto às técnicas de cultivo, assim como necessita de uma prospeção de mercado para afirmar e potenciar o seu crescimento. De realçar que há um vasto conhecimento adquirido acerca da produção e das espécies de plantas mais adaptadas ao clima do Faial, fruto de muita experimentação efetuada pelos produtores, conhecimento este que é de todo o interesse preservar e transmitir.

No Faial outras espécies florícolas também se têm revelado interessantes, principalmente para produção para o mercado local, designadamente espécies como camélias, estrelícias e hortênsias, sendo que estas últimas são colhidas nas vias públicas e destinadas à produção de flores secas para exportação. Também se regista nesta ilha o interesse na produção de folhagens de corte, tais como rama de criptoméria, camélia e fetos.

Na figura 5 é apresentada a área florícola por tipo de exploração na ilha do Faial.

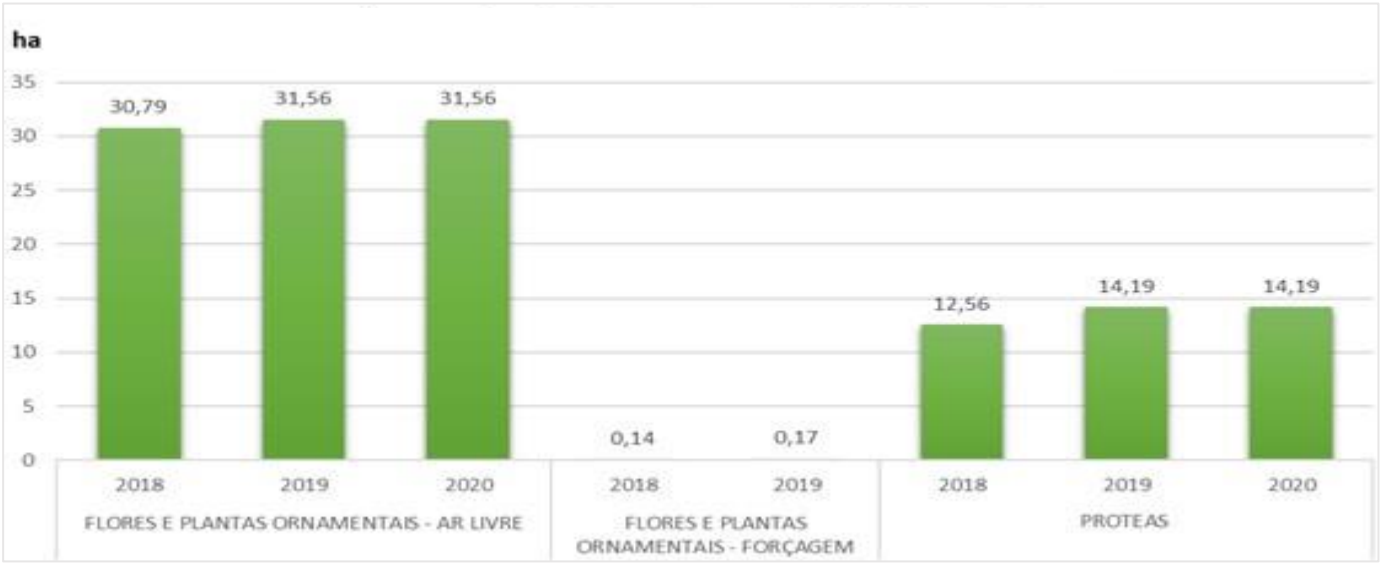

Figura 5 - Forma de exploração da área florícola na ilha do Faial

O Faial apesar da atividade florícola que apresenta, ainda importa muitos dos produtos florícolas que consome, oriundos de outras ilhas do arquipélago ou importadas de Portugal Continental.

De realçar que as formações em arranjos florais realizadas no passado nesta ilha deram um grande contributo para o aumento do consumo local, e que não só nesta área da floricultura em específico, mas em todas as outras verifica-se que há necessidade de formação para técnicos e produtores.

Apesar de o SDAF ter efetuado alguns trabalhos experimentais no passado e adquirido conhecimento local em floricultura, neste momento a experimentação em floricultura está parada à semelhança do que acontece na generalidade das ilhas. Quer os produtores, a CAIF ou o SDAF sentem a necessidade de avançar com trabalhos experimentais, principalmente nas culturas de próteas, hortênsias, palmeiras, estrelícias e folhagens de criptoméria, a fim de testar estas culturas nos diferentes microclimas da ilha.

Nos últimos 4 anos os produtores de próteas do Faial receberam formação específica na cultura de próteas, contudo esta formação ainda não foi suficiente e há algumas temáticas dentro desta cultura que necessitam de mais atenção e tempo de formação.

2.3 São Miguel

A floricultura na ilha de São Miguel tem evoluído de forma diferente das ilhas acima descritas. O consumo no mercado local é maior e os produtores apostaram no seu fornecimento. Culturas como crisântemos, antúrios (flor e folha), gerberas e fetos, entre outras, são produzidas em estufa de forma intensiva. A venda destes produtos é feita diretamente ao consumidor ou para revenda em floristas. Por

vezes são exportadas para as outras ilhas da RAA. Contudo o mercado local ao nível da ilha está competitivo, não havendo interação entre a maioria dos produtores que trabalham de forma isolada, competindo entre si, sem um agrupamento de produtores que funcione efetivamente para lhes dar apoio e regular a atividade. As produções são abundantes e de excelente qualidade, embora se note que há carência de apoio técnico nas explorações. De referir que, quer o SDASM, quer a DSA, têm dado apoio técnico aos floricultores na ilha de São Miguel, contudo esse apoio é pontual não se mostrando suficiente para resolver os problemas que atualmente os floricultores têm no desenvolvimento da sua atividade.

Nesta ilha é apontada a falta de produtos de folhagens ("verdes"), sendo esta uma carência também referida noutras ilhas, podendo este tipo de produtos ser uma aposta para o desenvolvimento do setor.

Os produtores micaelenses têm adquirido conhecimentos, essencialmente fora da Região, através de empresas holandesas e de Portugal Continental fornecedoras de material de propagação, equipamentos e fatores de produção. É manifestada por estes a falta de formação em floricultura e de experimentação aplicada. O SDASM tem realizado alguma experimentação e produzido algum conhecimento, todavia falta a sua divulgação e uma maior interação com os floricultores para aplicar esse conhecimento.

Também se constata que em São Miguel muitos floricultores não recorrem aos apoios do Governo (ex: PRORURAL+ e POSEI), sendo a maioria dos investimentos feitos exclusivamente com financiamento próprio.

Verifica-se que há falta de mão de obra qualificada em floricultura e que há dificuldade em contratar trabalhadores com sensibilidade para esta atividade. Esta realidade verifica-se quer nas explorações agrícolas, quer em parques e jardins botânicos. Associado a esta falta de mão de obra está a baixa remuneração dos jardineiros e operacionais em floricultura cujos salários baixos não são estimulantes para enveredar por esta atividade tão específica.

Outra atividade florícola com alguma expressão na ilha é a produção de plantas envasadas, principalmente de espécies da época, para as quais os produtores importam os plantios e depois fazem a "engorda" das plantas para acabamento. Esta atividade permite colocar no mercado plantas de melhor qualidade comparativamente com as plantas importadas. Alguns floricultores produzem plantas envasadas para o mercado local, com produção diversificada, maioritariamente plantas da época, existindo alguma apetência para as camélias. É notório que as plantas envasadas apresentam potencial para maior crescimento em São Miguel para venda para o mercado local.

Na figura 6 é apresentada a área florícola por tipo de exploração na ilha de São Miguel.

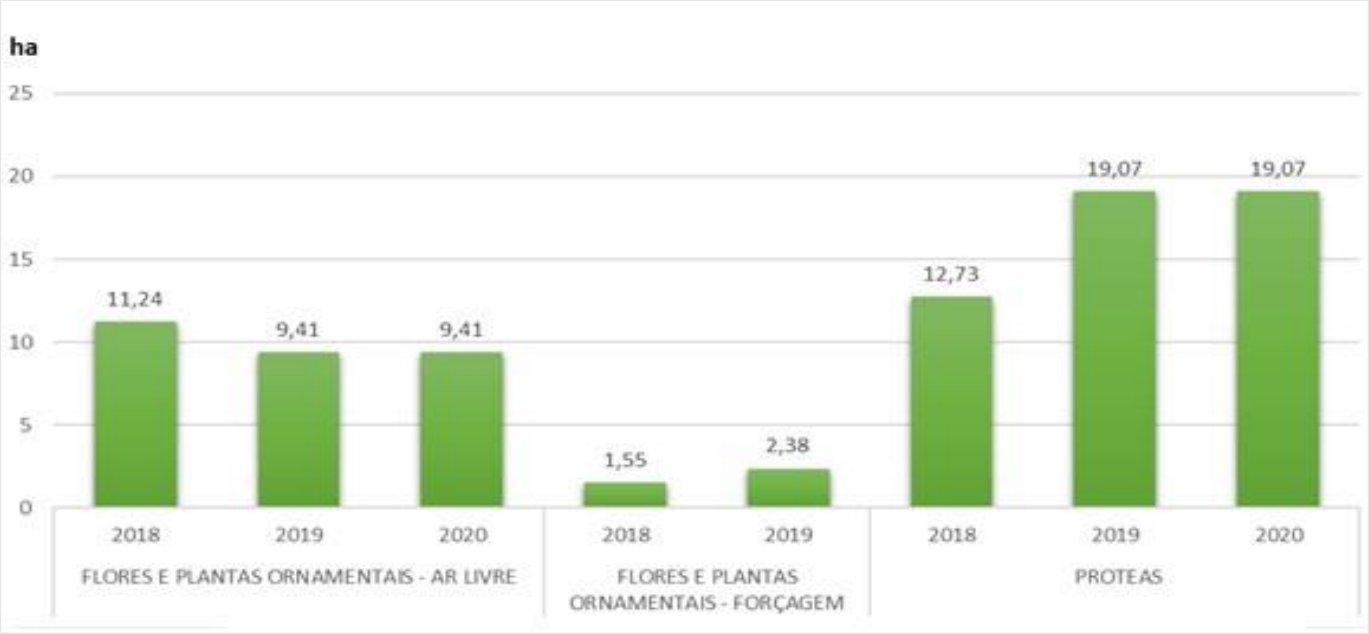

Figura 6 - Forma de exploração da área florícola na ilha de São Miguel

Quanto ao associativismo em floricultura, verificamos que os agrupamentos de produtores que já trabalharam com floricultura não tiveram sucesso e os produtores, em geral, não acreditam que as associações ou cooperativas sejam uma mais-valia para organizar e desenvolver o setor.

De realçar o grande trabalho que as entidades públicas desenvolvem nos Açores na floricultura de paisagem. A título de exemplo, a SROPC, em São Miguel, produz e planta anualmente, nas áreas públicas do seu domínio, cerca de 27.000 plantas de hortênsias e 17.000 plantas de azáleas, entre outras espécies, tais como *Agapanthus sp*., hibiscos, camélias, plátanos, carvalho americano e ameixa vermelha. Muitas destas plantas não são contabilizadas pelo fato de serem propagadas no local definitivo.

Embora com realidades diferentes ao nível de ilha, realçamos que este trabalho de relevante dimensão se verifica em todas as ilhas do arquipélago e corresponde a um grande conhecimento adquirido ao longo de muitos anos. Seria assim interessante haver partilha de conhecimento entre a SROPC e os serviços da SRADR, no que respeita à propagação das espécies acima referidas e outras.

Apesar de estar registada uma grande área de cultivo afeta à cultura de próteas em São Miguel, não há registo do fornecimento de flores no mercado local nem para exportação.

2.4 Santa Maria, São Jorge, Graciosa, Flores e Corvo

Nestas ilhas a floricultura apresenta um desenvolvimento diferente das anteriores. Apesar de ter havido algum esforço por parte dos Serviços Oficiais da SRADR em promover esta atividade em todas as ilhas do arquipélago, quer seja com apoios financeiros para a instalação e manutenção, quer seja com campos experimentais e de demonstração nos SDA's, nas ilhas de Santa Maria, São Jorge, Graciosa, Flores e Corvo, a floricultura para produção de flores de corte, folhagens e plantas ornamentais decresceu, passando a ser uma atividade sem expressão.

Existem nestas ilhas algumas floristas para fornecimento local, que geralmente importam as flores e folhagens de outras ilhas do arquipélago e que as complementam com alguma produção própria, principalmente de folhagens de corte. As plantas envasadas são geralmente importadas das ilhas com produção, onde muitas vezes é feita a "engorda". As plantas envasadas de maior porte são importadas de forma pontual.

2.5 Pico

A situação na ilha do Pico é semelhante à situação descrita no ponto anterior, contudo, nos últimos anos, tem havido interesse na produção de próteas para exportação. O campo de ensaio do SDA do Pico mostrou uma boa adaptabilidade das proteáceas nesta ilha, todavia a instalação de campos com dimensão para produção para exportação, por parte de particulares, nunca se afirmou. No Pico refere-se ainda que já foi efetuada exportação de hortênsias secas em condições semelhantes às já descritas para outras ilhas.

3. Floricultura para exportação

3.1 Principais produtos florícolas produzidos na RAA para exportação

A floricultura para exportação na RAA apresenta realidades muito diferentes de ilha para ilha.
Tal como já referido a cultura de próteas tem-se destacado, sendo o produto florícola mais exportado na RAA. É na ilha Terceira que esta cultura está mais desenvolvida e é onde se encontram os floricultores mais especializados.

O fato dos maiores países produtores se encontrarem no Hemisfério Sul, faz com que as próteas produzidas no Hemisfério Norte, produzidas em contraciclo, complementem um fornecimento para o mercado internacional durante todo o ano, sendo este um dos fatores mais importantes para o desenvolvimento desta cultura na Região.

Ao nível da exportação internacional, para além das próteas, a Região também exporta pontualmente hortênsias secas, as quais são colhidas maioritariamente em certos locais de domínio público, com autorização das entidades que gerem os espaços, mas sem legislação e regulamentação que regulamente esta atividade.

A partir da ilha do Faial há também a exportação de palmeiras envasadas, entre outro tipo de plantas de grande porte.

3.2 Evolução da produção florícola para exportação

A exportação de produtos florícolas começou na década de noventa com algumas tentativas de exportação de flores de corte e folhagens de próteas, antúrios, estrelícias e agapantos, entre outros de menor relevância. De entre estes, apenas as próteas tiveram um sucesso evidente e ao longo das décadas seguintes, entre avanços e recuos na seleção varietal e aumento das áreas de plantação, foi esta a cultura que ganhou maior expressão como produto florícola de corte produzido na RAA para exportação.

Na ilha Terceira a cultura de próteas ocupa atualmente cerca de 50 ha, com uma produção anual de cerca de 2.000.000 hastes de flores de corte e folhagens, tendo sido a melhor campanha obtida em 2018/2019 com mais de 2.300.000 hastes (Figura 7).

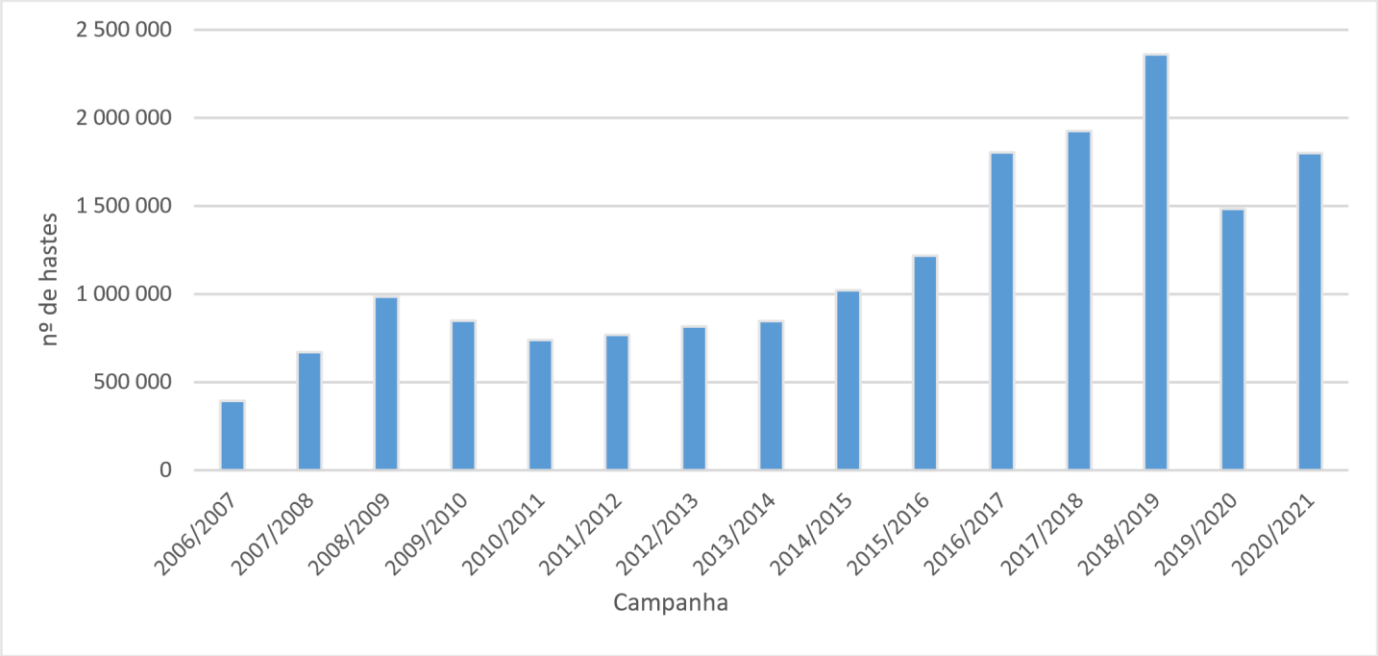

Figura 7 - Nº de hastes de proteáceas exportadas nas últimas 15 campanhas pela Frutercoop

Esta cultura tem tido sucesso ao longo dos últimos anos pelas suas produções regulares e grande qualidade dos seus produtos, sendo esta qualidade reconhecida no mercado internacional. Verifica-se que há potencial para maior crescimento, contudo, os produtores referem que o retorno financeiro das vendas pago ao produtor é pouco comparativamente ao preço de venda das flores no mercado de exportação. Esta é uma cultura com custos de produção elevados, principalmente no que respeita a fatores de produção e mão de obra, sendo esta última difícil de conseguir não só no que respeita à falta de disponibilidade, mas também à sua falta de preparação.

Atualmente não existe mão de obra disponível com formação na área da floricultura, sendo especialmente difícil recrutar trabalhadores para o período de colheita. Os produtores observam ainda que normalmente os trabalhadores contratados também não demonstram sensibilidade para trabalhar nesta atividade, nem experiência profissional na área agrícola. Apesar de existirem técnicos a trabalhar especificamente na cultura de próteas, com apoio financeiro do Governo Regional para tal, os produtores de próteas são claros em afirmar que sentem falta de apoio técnico às explorações. São relatadas outras dificuldades na produção, como perdas devido a problemas fitossanitários (com maior incidência no que respeita a doenças fúngicas), facto que se tem acentuado nos últimos anos com a retirada do mercado de alguns produtos fitofarmacêuticos homologados para a floricultura, designadamente para a cultura de próteas. Também é manifesta alguma dificuldade para o arranque de atividade, pelo fato das próteas terem associado um período de espera consideravelmente longo (2 a 3 anos) entre a plantação e a primeira colheita, face aos investimentos necessários para a instalação da cultura.

No Faial a cultura de próteas é também uma das culturas que mais se destaca para exportação e tem aumentado a área instalada. Contudo, devido às intempéries que afetaram a ilha nos últimos anos, a produção tem ficado aquém da esperada.

A CAIF (Cooperativa Agrícola da Ilha do Faial) é a entidade que concentra a produção de próteas em flores de corte e exporta para o mercado holandês. Conta com 15 produtores de flores que, no total, têm uma área de produção de aproximadamente 10 ha que se refletiu em 2021 numa produção que superou as 235.000 hastes (Figura 8).

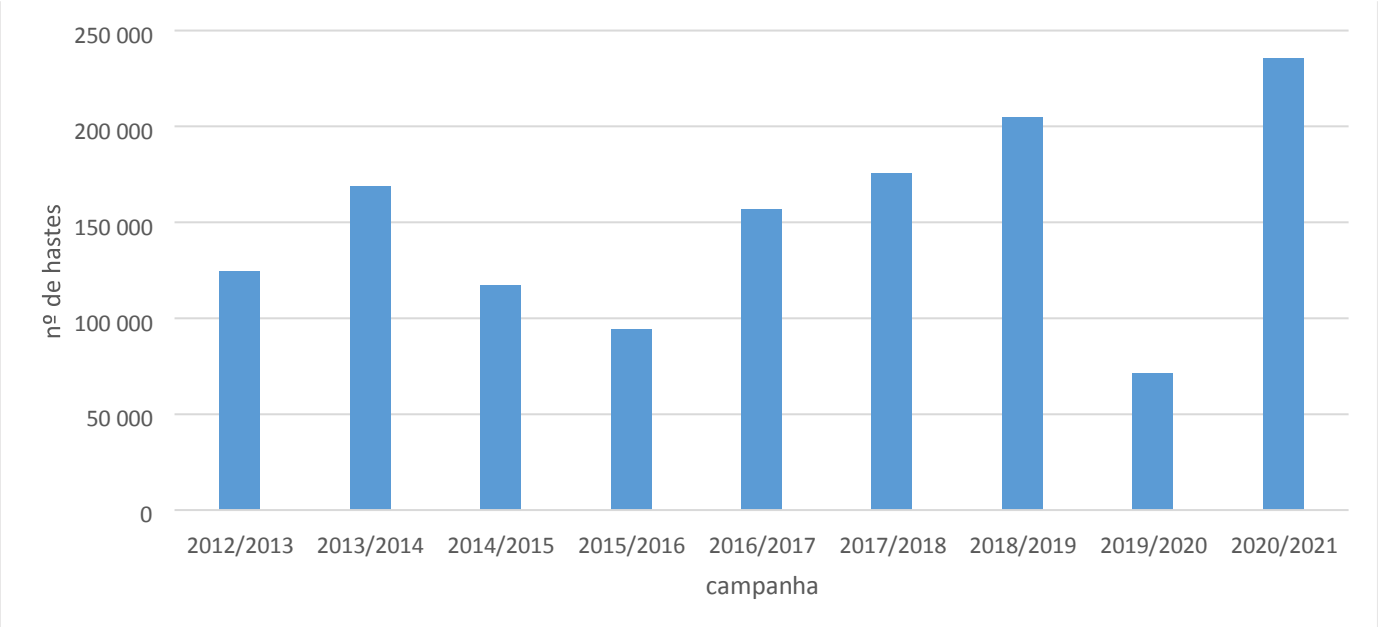

Figura 8 - - Nº de hastes de proteáceas exportadas nas últimas 9 campanhas pela CAIF

Esta Cooperativa apresenta um grande potencial de crescimento devido à área de próteas instalada nos últimos anos e ao grupo de jovens floricultores entusiastas existentes no Faial. A CAIF não possui um técnico para apoio específico a esta cultura, sendo este um dos problemas que tem limitado o desenvolvimento da cultura de próteas no Faial. No que respeita aos Serviços Oficiais, o apoio técnico que tem sido dado aos floricultores pelo SDAF é insuficiente, pois está limitado para um apoio de campo, por um técnico externo que pontualmente se desloca ao Faial duas vezes por ano. No Faial existe a necessidade de reconversão varietal de flores de género *Leucospermum sp.* para o género *Protea sp.* como forma de superar a falta de mão de obra, a exigência em tratamentos fitossanitários e os custos com o embalamento. A aquisição de plantios é também uma preocupação. Apesar de nos últimos anos se terem dado passos importantes entre os produtores para a produção de plantios no Faial, esta ilha ainda está muito dependente da importação de plantas enraizadas, apresentando um risco elevado de introdução de pragas e doenças afetas a esta cultura. Outra situação contraproducente no Faial é a pouca disponibilidade de fertilizantes e produtos fitofarmacêuticos homologados para a cultura de próteas. O que existe é fornecido

pelas casas comerciais locais que, devido à retirada de alguns produtos fitofarmacêuticos do mercado, têm limitado a disponibilidade de produtos para controlo fitossanitário nas explorações.

Nas ilhas Terceira e do Faial há necessidade de apoio técnico específico na cultura de próteas, sendo o existente insuficiente, refletindo-se em elevadas perdas nos produtores e, consequente, nas respetivas cadeias comerciais.

Entre 2005 e 2015 vários projetos de investigação e experimentação foram realizados na Terceira com parcerias entre o SDAT, a Universidade dos Açores e a Fruter. Como resultado destes trabalhos passou-se a conhecer melhor a cultura das próteas e a definir técnicas de condução e maneio mais adequadas às condições produtivas dos Açores. Estes trabalhos, habitualmente apresentados nos encontros internacionais promovidos pela *Internacional Protea Association* (IPA) (associação na qual os Açores estão representados como *Região Produtora de Próteas)*, deram também alguma projeção internacional à produção florícola açoriana, contudo, entretanto pararam e atualmente as parcerias acima referidas praticamente não existem para esta cultura.

Em São Miguel, apesar do forte investimento em áreas significativas de próteas há mais de 20 anos, a cultura não acompanhou o desenvolvimento das ilhas anteriormente referidas. As produções caíram e atualmente não se regista exportação de próteas pelos Serviços Oficiais apesar de existirem áreas de produção afetas a esta cultura.

Nas restantes ilhas também não se verifica exportação de flores, não obstante de nos últimos anos terem surgido interessados na ilha do Pico em dar início à cultura de próteas para exportação. A falta de conhecimento técnico, organização e logística, levou a que o investimento na cultura de próteas não tivesse avançado.

A exportação tem uma grande importância para o setor, sendo a principal forma de escoamento das flores de corte produzidas na Região. No entanto, ao nível das folhagens e complementos de flor, bem como a outras plantas ornamentais, predomina a venda direta ao consumidor, sendo também significativa a venda ao setor da distribuição (SREA, 2017).

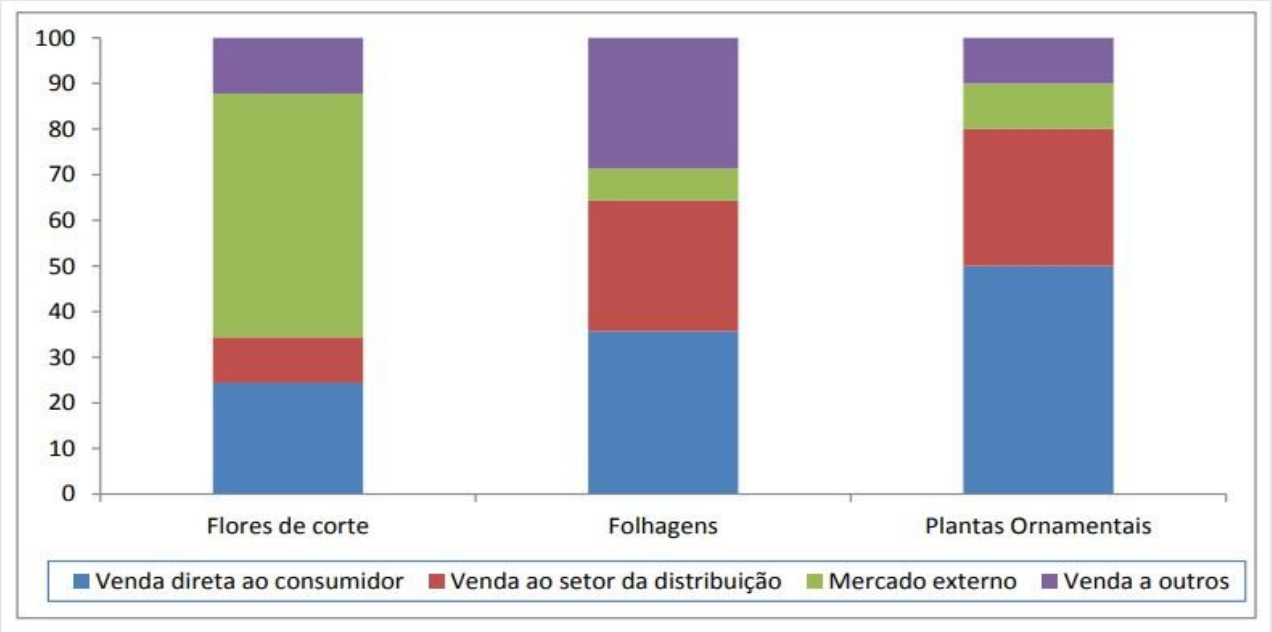

Figura 9 - Forma de escoamento da produção comercializada (%) (SREA, 2017)

3.3 Organização do setor para exportação

Na Terceira e Faial existem organizações de produtores que concentram e exportam a produção de próteas gerada pelos seus cooperantes, criando uma dimensão que permite condições de transporte e acesso ao mercado internacional.

Na Terceira a cultura de próteas tem sido desenvolvida e organizada pela Fruter e Frutercoop, sendo esta última uma organização de produtores reconhecida, com capacidade de concentrar a produção de 26 produtores e tratar da conservação, normalização, embalamento e exportação. A grande maioria dos produtos exportados segue para o mercado holandês através de circuitos de transporte aéreo e marítimo/terrestre via Lisboa (Frutercoop, 2021). A Frutercoop possui instalações construídas especificamente para o acondicionamento e embalamento de flores com uma capacidade de trabalho de aproximadamente 3.000.000 de hastes/campanha sendo a única empresa com instalações deste tipo nos Açores (Domingues, 2014).

No Faial, a Cooperativa Agrícola da Ilha do Faial concentra a produção dos seus cooperantes e trata da conservação (em caixas) e exportação das flores. Carece, todavia, de instalações adequadas para receção dos produtos, conservação, embalamento e exportação, o que tem provocado alguns constrangimentos na conservação de flores, principalmente durante a cadeia de transporte e abastecimento no mercado. Esta Cooperativa não tem instalações próprias para concentrar e embalar as flores, sendo os próprios produtores que tratam de todo o processo desde a colheita, embalamento e entrega na Cooperativa que,

por sua vez, concentra a produção e trata da sua exportação, quer por via aérea quer por via marítima/terrestre via Lisboa, até ao mercado holandês. A CAIF tem um projeto para a construção de novas instalações e aquisição de equipamentos a anexar à sede existente. Esse projeto visa melhorar as condições de conservação, embalamento e exportação de flores para uma capacidade de laboração de 1.000.000 de hastes/campanha.

Ainda no Faial, existe um produtor de próteas que exporta individualmente para o mesmo mercado que as cooperativas acima referidas.

No que respeita aos outros produtos para exportação, hortênsias e plantas envasadas de palmeiras e similares, esta é feita individualmente, maioritariamente para o mercado nacional e europeu.

3.4 Transportes e comercialização dos principais produtos florícolas

Ao longo das duas últimas décadas, as condições de transporte para a exportação de flores de corte têm melhorado. Trabalhos levados a cabo pela Fruter/Frutercoop, ajudaram a testar o transporte marítimo (para Lisboa) e terrestre (para o mercado holandês) nas condições de exportação de próteas a partir dos Açores. Os resultados obtidos demonstraram que é possível a exportação de algumas proteáceas, com excelentes resultados de conservação, sem prejudicar a qualidade das flores (Domingues & Ormonde, 2009). O transporte marítimo tem dado a oportunidade de aumentar a dimensão da exportação de flores a partir da nossa Região devido, essencialmente, à maior capacidade de transporte que é providenciada.

Em contraponto e comparativamente ao aéreo, o transporte marítimo apresenta um período de transporte mais prolongado, o que limita a exportação de alguns produtos florícolas. O transporte por via aérea é ainda limitado em termos de capacidade de carga, é mais caro e, principalmente nos períodos de espera nos aeroportos (situação esta que muitas vezes penaliza a qualidade dos produtos) apresenta temperaturas de conservação irregulares durante a viagem.

Atualmente a maioria das próteas produzidas nos Açores é exportada por via marítima. Esta exportação é feita a partir da Terceira e Faial, em contentores a temperatura controlada, com um tempo de viagem de 6 a 13 dias, dependendo da dimensão dos contentores e das ligações terrestres em Lisboa. O tempo de viagem do transporte aéreo, normalmente, é de dois dias.

Para além dos problemas de temperatura, na ilha Terceira verificam-se ainda alguns problemas com a exportação por via aérea, principalmente devido às condições de entrega e conservação das flores no terminal de cargas recentemente construído. O terminal não tem capacidade de conservação do volume de flores exportado e as condições de entrega não são as mais adequadas.

No Faial também se verificam algumas dificuldades ao nível da exportação, principalmente por via aérea, em que o preço praticado por quilo de flores é muito elevado. Relativamente à via marítima, tem

havido alguns constrangimentos com o transporte e conservação, sendo esta última penalizada pela falta de instalações para a conservação e embalamento de flores.

Perante o cenário atual de pandemia, provocado pela SARS-CoV-2 que gerou uma crise a nível mundial, criou-se uma situação instável e imprevisível para um futuro próximo, situação esta extrapolável a todos os setores de atividade. Tem-se verificado um aumento no custo de transporte e, desde o início da pandemia, houve uma supressão de algumas rotas na cadeia comercial. Por outro lado, apesar da irregularidade dos mercados, as proteáceas têm apresentado, em geral, bons resultados de venda nos mercados internacionais.

4. Floricultura ornamental e paisagística na RAA

O desenvolvimento científico do séc. XIX, marcado pelas explorações de naturalistas e botânicos, não foi alheio aos Açores. As ilhas constituíram então um local de aclimatação e experimentação, com a presença de estrangeiros residentes e açorianos entusiastas. Nesse movimento, desenvolveu-se o gosto pelo jardim e pela botânica, surgindo vários parques e jardins, hoje com redobrado interesse. Foi também nesta altura que se introduziram muitas espécies ornamentais que passaram a fazer parte da paisagem açoriana.

A título de exemplo e homenagem, lembramos José do Canto que experimentou, nas suas propriedades, 6000 espécies exóticas durante a sua vida. O legado dessa busca é hoje significativo e constitui um conjunto de espaços com grande potencial paisagístico e de conhecimento, também com valor turístico.

A paisagem agrícola e as zonas rurais são igualmente caracterizadas por uma dimensão paisagística, que tem a ver com estas espécies ornamentais. É o caso muito relevante das hortências que dividem os campos, em muitas ilhas, e das espécies usadas para os característicos abrigos contra os ventos e a ressalga. É também o caso de algumas espécies invasoras, que saltaram para fora dos campos cultivados ou avançaram em terrenos abandonados.

É ainda relevante a presença no arquipélago de diversos espécimes raros de flora introduzida, alguns escondidos em quintas particulares, que mostram o potencial para o seu cultivo mais alargado. Tratam-se de exemplares com valor ornamental, mas, por vezes, igualmente com interesse alimentar e de produção.

Nas últimas décadas, também se tem verificado uma introdução alargada de novas espécies ornamentais, nomeadamente através de viveiristas e revendedores. É possível hoje encontrar junto de alguns viveiristas conjuntos botânicos de relevo e um conhecimento acumulado ligado à experimentação, produção e comercialização, com relevância para pensarmos o futuro deste sector específico.

A identificação das espécies com potencial para serem reproduzidas e produzidas em maior escala constitui uma oportunidade ao nível do desenvolvimento de espaços ajardinados, bem como da produção comercial para mercado interno e de exportação. Essa identificação pode ser feita através da avaliação das espécies presentes na paisagem, mas beneficiaria profundamente da colaboração dos profissionais destas áreas.

Não menos importante é o potencial da flora autóctone, com espécies com interesse ornamental e que poderiam ser cultivadas em maior escala ou mesmo alimentar o desenvolvimento de linhas de melhoramento e exportação.

4.1 Principais espécies ornamentais com impacto paisagístico na RAA

A agricultura é uma atividade que convive com várias espécies ornamentais que não têm o objetivo direto da produção, mas que contribuem para esse fim.

A agricultura, incluindo a floresta, é a atividade económica que mais marca a paisagem dos Açores. Essa paisagem incorpora diversas espécies ornamentais que integram o sistema de produção agrícola dos Açores, como acontece com as que servem de divisão dos campos e abrigo.

O número de espécies florícolas ou de valor ornamental, com importância na paisagem açoriana, é relativamente elevado, apesar de haver um pequeno conjunto de espécies a referir, quando analisamos as que têm uso generalizado ou apresentam, simplesmente, maior quantidade de exemplares.

A hortênsia é, de longe, a espécie ornamental mais importante na paisagem dos Açores, sendo uma imagem de referência do arquipélago. Apesar de ser considerada espécie invasora, constitui um caso em que a sua expressiva utilização, como ornamento das estradas e divisória nos campos agrícolas, permite pensar como um recurso disponível para usos complementares, como a apanha para secagem.

Mas podemos verificar muitas outras espécies com profundo impacto paisagístico, algumas que, existindo em menor quantidade, pelo seu porte ou outro elemento distintivo, constituem referência incontornável, como acontece com as araucárias.

Mais recentemente, com a maior democratização dos jardins particulares e da busca por particularidades botânicas, encontramos também novas espécies a fazer parte da paisagem.

Assim, correndo os riscos de esquecer espécies relevantes ou de proceder a algum erro de classificação, fazemos a enumeração das espécies ornamentais cultivadas com presença mais significativa na paisagem açoriana, apresentando-as numa lista, por ordem alfabética dos seus nomes científicos:

- *Abelia grandiflora* (abélia)
- *Agapanthus spp* (agapantos)
- *Agaves spp* (com destaque para o *Agave americana* e o *Agave atenuata*)
- *Albizia julibrissin* (albizia)
- *Araucaria columnaris* (araucária)
- *Araucaria heterophylla* (araucária)
- *Archontophoenix cunninghamiana*
- *Banksia integrifolia* (cigarrilheira, banksia)
- *Callistemon spp* (escovilhão, lava-garrafas)
- *Camelia spp* (camélia, japoneira, rosa-do-japão)
- *Chamaerops humilis*

- *Chorisia speciosa* (árvore-do-algodão)
- *Criptomeria japonica* (criptoméria)
- *Cupressus sempervirens* (cipreste)
- *Cycas revoluta* (cica)
- *Dracaena draco* (dragoeiro)
- *Dracaena draco ssp. draco* (dragoeiro)
- *Dracaena marginata*
- *Escallonia macrantha* (escalónia)
- *Eucalyptus globulus* (eucalipto)
- *Euphorbia spp*
- *Fatsia japonica* (aralia)
- *Ficus pumilla* (unha-de-gato, herinha)
- *Ficus benjamina*
- *Gazania spp* (gazânia)
- *Ginkgo biloba* (árvore-avenca, ginkgo)
- *Hibiscus spp.* (hibisco, rosa-da-china)
- *Hydrangea macrophylla* (hortênsia, novelhões)
- *Hydrangea serrata*
- *Melaleuca armillaris* (melaleuca)
- *Melia azedarach* (mélia, amargoseira, "sicómoro", "bela-sombra")
- *Metrosidero excelsa* (metrosídero)
- *Monstera deliciosa* (costela-de-adão, fruto-mi-sabores)
- *Nerium oleander* (loendro, aloendro, espirradeira)
- *Pelargonium spp* (gerânio, sardinheira)
- *Philodendron spp*
- *Phoenix canarienesis* (palmeira-das-Canárias)
- *Phoenix roebellinii*
- *Pittosporum tobira* (faia-da-holanda)
- *Platanus hybrida* (plátano)
- *Plumeria rubra* (plumeria, frangipani)
- *Populus nigra* (álamo, choupo negro)
- *Rhododendron spp.* (vários híbridos de azáleas, entre outros)
- *Rosmarinus officinalis* (alecrim)
- *Salix babylonica* (chorão)
- *Schefflera arboricola* (cheflera, árvore-guarda-chuva-anã) *Solanum mauritianum* (tabaqueira, fona-de-porco).

- *Strelitzia reginae* (esterlícia)
- *Tamarix africana* ("salgueiro")
- *Washingtonia robusta* (washingtónia, palmeira-de-leque-do-méxico)
- *Wisteria sinensis* (glicínia)
- *Yucca elephantipes* (yuca)

Pela dimensão do impacto paisagístico que algumas espécies espontâneas ou invasoras têm na paisagem das ilhas, não podemos deixar de fazer o mesmo exercício de identificação para estas plantas:

- *Acacia melanoxylon* (acácia)
- *Amaryllis belladonna* (meninas-pra-escola)
- *Arundo donax* (cana)
- *Cyathea cooperi* (feto arbóreo)
- *Gunnera tinctoria* (gigante)
- *Hedychium gardnerianum* (roca-de-velha / conteira)
- *Ipomoea* indica (bons-dias)
- *Lantana camara* (Lantana, silvado-do-inferno)
- *Pittosporum undulatum* ("Incenceiro")
- *Solanum mauritianum* (fona-de-porca, tabaqueira)

Algumas destas espécies, em condições invasivas, têm ou podem ter impacto económico positivo, como acontece com o *Pittosporum undulatum*, base do "mel de incenso".

Observando os géneros botânicos com dispersão nas nossas ilhas e as espécies cultivadas nas últimas décadas por viveiristas e jardineiros, encontramos um sem número de exemplos de plantas que se mostram adaptadas às nossas condições e que nos indicam um potencial interessante para o enriquecimento paisagístico da RAA.

Algumas destas espécies fazem já hoje parte da paisagem açoriana, embora com menos impacto do que as referidas anteriormente, mas muitas outras ainda se encontram com uso restrito ou têm tido raras atenções nos Açores.

A título de exemplo, e recorrendo às espécies em produção em viveiristas ou com presença em jardins, referimos as seguintes espécies, com eventual interesse para produção e exportação, sem que isto constitua uma orientação, mas antes um exercício de observação.

- *Agathis spp*
- *Agave spp* (agaves)

- *Aloe spp* (aloes)
- *Arecastrum romanzoffianum*
- *Beaucarnea recurvata*
- *Bromeliaceae* (bromélias)
- *Buddleia* spp
- *Butia capitataChamaedorea erumpens*
- *Chamaerops excelsa*
- *Cycas circinalis*
- *Cycas thouarsii*
- *Dicksonia antarctica*
- *Dictyosperma album*
- *Dioon edule*
- *Dioon spinulosum*
- *Dypsis decary*
- *Dypsis lutescens*
- *Euphorbia spp*
- *Hyophorbe verschaffeltii*
- *Jacaranda mimosifolia*
- *Kentia forsteriana*
- *Lepidozamia peroffskyana*
- *Livistonia australis*
- *Metrosidero thomasii*
- *Microcoelum weddellianum*
- *Pandanus utilis*
- *Raphis excelsa*
- *Ravenala madagascariensis*
- *Rhododendron spp*
- *Sabal minor*
- *Strelitzia nicolai*
- *Tupidanthus calyptratus*
- *Wodyetia bifurcata*

O desenvolvimento do cultivo de novas espécies de hortênsia poderia constituir um contributo interessante para a diversificação da paisagem numa abordagem de especialização da região neste paradigma identitário ligado à hortênsia. Neste momento, encontramos na paisagem açoriana a *Hydrangea macrophylla*, cultivada em grande escala, e a *Hydrangea serrata*, em menor escala. Numa perspetiva de

paisagismo e de produção comercial de plantios, seria interessante explorar igualmente as variedades de outras espécies como *Hydrangea paniculata*, *Hydrangea arborescens* e *Hydrangea quercifolia*.

4.2 Turismo e floricultura

O turismo ligado à botânica, às plantas e aos jardins é uma realidade incontornável dos fatores de interesse do destino Açores, mesmo que, por vezes, não pensemos nisso dessa forma nem compreendamos o que tal fenómeno pode significar em termos de oportunidade de negócio.

A diversidade das paisagens açorianas constitui um dos maiores atrativos para quem visita os Açores. É importante realçar que, a par dos endemismos e das espécies e áreas protegidas, na esfera dos Parques de Ilha, a paisagem açoriana é fundamentalmente agrícola e florestal, sendo, por isso, a agricultura a atividade económica que mais impacta a paisagem dos Açores com interesse turístico. Para além disso, a agricultura contribui para o carácter único da oferta do destino, ao nível dos produtos alimentares, muitos deles específicos.

Por um lado, o impacto da beleza das plantas não deixa ninguém indiferente e é uma atração geral para os visitantes. Essa realidade tem sido potenciada em alguns espaços públicos, como miradouros e parques, mas pode ser ainda muito mais significativo.

Por outro lado, existem segmentos de mercado turístico com interesses mais específicos, como acontece com as camélias.

Recorremos à experiência da ilha da Madeira como um exemplo para o que podemos fazer nos Açores. Naquele arquipélago, a ideia de jardim é totalmente abrangente no que toca à oferta turística.

Várias antigas quintas com coleções notáveis de plantas se converteram em “hotéis botânicos”, onde o elevado valor do jardim possibilita acrescentar valor ao alojamento. Trata-se normalmente de espaços destinados a um nicho de mercado de gama alta.

Paralelamente, vários outros são os jardins, públicos e particulares, que possibilitam a visitação.

Também os arruamentos públicos beneficiam de um tratamento cuidado, no que respeita aos projetos paisagistas e à sua manutenção. Encontramos nestes espaços coleções botânicas relevantes, apresentando muitos desses exemplares, placas de identificação, dando uma coerência de jardim botânico à escala de toda a ilha.

Em Portugal Continental, como por todo o lado do mundo, também se assiste à recuperação de jardins históricos e instalação de novos, bem como à publicação de guias sobre jardins, com objetivos de atração turística.

Nos Açores, também este tipo de oferta turística tem crescido, especialmente em S. Miguel, onde a requalificação e abertura de antigos espaços ajardinados tem surgido. Nos últimos anos, assistiu-se à renovação do Jardim José do Canto, bem como a abertura ao público da Mata ajardinada de José do Canto, nas Furnas. Também se prevê a requalificação da mata-jardim de José do Canto, da lagoa do Congro. Igualmente, em 2020, a Câmara Municipal de Ponta Delgada promoveu a atualização do inventário florístico do Jardim António Borges. No Faial é de destacar o Jardim Botânico do Faial que, para além do seu papel ao nível da conservação, tem igualmente um papel indiscutível enquanto atração turística.

Ao nível turístico, a valorização destes espaços contribui muito para a criação de referências / âncoras para "definir" o perfil do destino, dar maior visibilidade aos Açores e abrir espaço para o desenvolvimento de nichos de mercado.

Apesar de uma presença menos significativa de jardins históricos nas outras ilhas do arquipélago, encontramos em todas elas jardins, muitas vezes públicos, com interesse e potencial para a sua valorização. Essa valorização passa por enriquecimento das coleções, intervenções de limpeza e podas adequadas.

Para além de alguns privados relevantes, como acontece com o Parque Terra Nostra ou o Jardim do José do Canto, cabe ao GRA e às Autarquias este grande trabalho necessário.

Mas ainda assim, os "jardins de aparato", estão longe de esgotar o potencial turístico dos Açores, no que respeita ao mundo das plantas ornamentais. As quintas de produção hortofrutícola, as explorações de próteas e a produção e criação de agro-jardins, constituem oportunidades reais de valorização da produção e da paisagem, com retornos interessantes ligados ao potencial turístico.

Neste domínio, a produção biológica e a apicultura constituem temas incontornáveis, transformando o mundo das espécies ornamentais numa zona de fronteira entre o que definimos como produção e jardim.

Seria interessante proceder-se à descrição fitogeográfica dos jardins ou à simples identificação das espécies presentes nos ajardinamentos públicos. Trata-se de um trabalho que estaria à responsabilidade de órgãos do GRA e das autarquias.

Há atualmente uma sensibilização para a introdução das espécies naturais e endémicas dos Açores nos ajardinamentos particulares e públicos, plantas essas fornecidas pelos serviços florestais e parques de ilha, ao longo do arquipélago. Mas, surpreendentemente, falta um "movimento" de valorização das plantas ornamentais que possa trazer mais mundo e viagem ao nosso espaço de todos os dias, criando impactos igualmente na vivência turística que se faz no arquipélago.

5. Formação Profissional SRADR

A SRADR define e executa a política regional nos domínios da agricultura. A DRAg, como serviço executivo central da SRADR e entidade isenta de certificação para área de formação 621 – Agricultura e Pecuária, registada com o nº 131 na plataforma CERTIFICAR, tem por missão contribuir para a definição da política regional na formação agrária orientando, coordenando e controlando a sua execução, sendo uma das suas atribuições promover ações de formação profissional agrária.

As estruturas de formação deslocalizadas e sedeadas nos SDA funcionam com a orientação técnica da DRAg. No âmbito das suas competências, dispõem de autonomia para identificar as necessidades na ilha e fundamentar a proposta de plano de intervenção anual em formação profissional nas áreas que lhe estão adstritas. Posteriormente à autorização DRAg de implementação do plano de intervenção em formação profissional, os SDA ministram e promovem ações de formação de curta e média duração, de natureza essencialmente prática e experimental.

De 1988 a 2020 a DRAg promoveu um total de 21 ações de formação nas quais a floricultura foi temática direta ou indiretamente abordada. Destas, 6 ações foram dirigidas a técnicos SRADR que intervêm no apoio técnico aos ativos dos setores agrícola e agroalimentar (Quadro 3). As restantes 15 ações foram dirigidas a jovens agricultores, a ativos do setor agrícola e a outros, não ativos nos setores (Quadro 4).

Quadro 3 - Ações dirigidas a técnicos SRADR e/ou a Organizações de Agricultores que intervêm no apoio técnico aos ativos do setor agrícola (Fonte: DRAg)

Designação da Ação	Nº de Ações	Local de Realização	Total de Participantes	Ano	Duração (h)	Volume de Formação (Nº Ações x Duração)
Aperfeiçoamento Técnico na Área da Hortoflorifruticultura	1	-	5	1988	60	60
Estatística Aplicada à Experimentação Hortofrutiflorícola, Vítivinicola e Culturas Industriais	1	Terceira	14	1991	21	21
Floricultura	1	São Miguel, Terceira e Portugal Continental	15	1991	245	245
Hortofrutifloricultura	1	São Miguel	16	1996	30	30
A Cultura das Próteas	1	Madeira	7	1998	21	21
A Cultura das Proteaceae	1	Terceira	16	2006	30	30
Total	**6**	**RAA, Portugal Continental**	**73**	**1988 a 2006**	**407**	**407**

Quadro 4 - Ações dirigidas a jovens agricultores, a ativos dos setores agrícola e a outros, não ativos nos setores (Fonte: DRAg)

Designação da Ação	Nº de Ações	Local de Realização	Total de Participantes	Ano	Duração (h)	Volume de Formação (Nº Ações x Duração)
Floricultura	1	Terceira	12	1991	125	125
Floricultura	1	São Miguel	9	1992	150	150
Horto-Fruti-Floricultura	1	São Miguel	15	1995	30	30
Horto-Flori-Fruticultura	2	Terceira	30	1998	30	60
Noções Gerais de Horto-Flori-Fruticultura	3	Terceira	46	1998	30	90
Formação Especializada em Hortofrutifloricultura	1	Terceira	18	2002	132	132
Hortofloricultura	1	Graciosa	11	2005	117	117

Estágios em Floricultura	1	São Miguel	2	2008	83	83
Floricultura (FB)	1	Terceira	11	2011	95	95
Workshop "Proteáceas"	1	Faial	27	2018	24	24
Boas Práticas em Floricultura. Proteáceas(FB)	1	Faial	8	2019	107	107
Workshop "Proteáceas"	1	Terceira	16	2019	24	24
Total	**15**	**RAA**	**205**	**1990 a 2019**	**947**	**1037**

Em 2011 e 2013, foram concluídos percursos formativos “Formação Base em Floricultura” de oito jovens agricultores terceirenses. Quatro destes concluíram o percurso em 2011 e os restantes em 2013. A frequência deste percurso possibilitou conferir aos oito jovens as aptidões profissionais e competências específicas para o desempenho das suas atividades profissionais no setor florícola.

É ainda de referir que, numa fase anterior, em 1992, foi realizado nos Açores um “Círculo de Estudos Hortofrutifloricolas, Viticultura e Culturas Agroindustriais” com 24 horas de duração, que juntou 19 técnicos dos Serviços Oficiais em matéria de agricultura de então para a conceção de manuais técnicos.

6. Apoios institucionais

6.1 PROAMAF

A atual legislação de aplicação é a Portaria n.º 117/2020 de 24 de agosto, que estabelece o Programa de Apoio à Modernização Agrícola e Florestal (PROAMAF). Este apoio corresponde a uma ajuda regional, concedida em regime de auxílio, de acordo com o Regulamento (EU) n.º 702/2014, da Comissão de 25 de junho e divulgado no portal do Governo.

Os apoios visam reforçar os indicadores de modernização das explorações agrícolas e florestais, melhorando o desempenho global, a sustentabilidade, a competitividade e as condições de trabalho, através de investimento em equipamentos, inovação e na rede elétrica de baixa tensão.

Neste Programa, o investimento a realizar tem de situar-se entre 200€ e 3.000€ (sem IVA) , sendo a taxa de apoio de 50% do montante do investimento elegível.

6.2 PROAGRI

Programa de Apoio à Modernização Agrícola, cujos apoios têm como objetivo reforçar a modernização das explorações agrícolas, melhorando as condições de trabalho, a sustentabilidade, a competitividade e o desempenho global, através de investimentos na aquisição ou substituição de máquinas e equipamentos, na construção de bens imóveis, nomeadamente armazéns para produtos fitofarmacêuticos, reservatórios de água, acessibilidades no interior das propriedades, de redes de abastecimento de água e de energia elétrica em baixa tensão.

A Portaria que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito dado PROAGRI é a Portaria n.º 120/2020 de 24 de agosto. Este Programa destina-se a investimentos compreendidos entre 3.000,00 € e 20.000,00 € (sem IVA).

Os floricultores poder-se-ão candidatar a equipamentos compatíveis com a atividade e/ou a construções, nomeadamente reservatórios de água e armazéns para produtos fitofarmacêuticos. As taxas de comparticipação do apoio variam ente 30% e 50%, sendo atribuída uma majoração de 10 pontos percentuais no caso de Jovens Agricultores.

6.3 I9AGRI

Programa de Apoio à Inovação Agrícola dos Açores, que tem como objetivo reforçar o acesso, por parte dos agricultores, às novas tecnologias, promover a inovação e a competitividade económica das empresas agrícolas.

Na tipologia dos investimentos deste Programa, enquadra-se: consultadoria, ferramentas de decisão, marketing e branding (criação de marcas), valorização de resíduos e subprodutos, sustentabilidade ambiental, promoção da qualidade das produções e agricultura de precisão. Em suma, são elegíveis investimentos que visem a introdução de práticas inovadoras nas explorações. As taxas de Apoio variam entre 30% e 50%, sendo atribuída uma majoração de 10 pontos percentuais no caso de Jovens Agricultores.

A legislação que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito do I9AGRI é a Portaria n.º 116/2020 de 24 de agosto de 2020. Este Programa destina-se a investimentos compreendidos entre 1.000,00 € e 20.000,00 € (sem IVA).

6.4 PRORURAL+

O Programa de Desenvolvimento Rural para a Região Autónoma dos Açores 2014-2020 (PRORURAL+), apresentado ao abrigo do Regulamento (UE) n.º 1305/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 17 de dezembro, relativo ao apoio ao desenvolvimento rural pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER) foi aprovado pela Decisão C (2015) 850, de 13 de fevereiro de 2015, da Comissão Europeia.

O Programa de Desenvolvimento Rural para a Região Autónoma dos Açores 2014-2020 (PRORURAL+), designado por PRORURAL+, reflete a estratégia da Região para a agricultura e para o desenvolvimento rural, pretendendo ser um instrumento financeiro que contribui para o aumento da autossuficiência do setor agroalimentar em 2020, e para a estruturação de canais comerciais que permitam a exportação de produtos especializados para o mercado externo.

De acordo com o ponto 1 do art.º 1.º do Regulamento (EU) 2020/2220 do Parlamento Europeu e do Conselho de 23 de dezembro de 2020, os programas apoiados pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural (FEADER), onde se inclui o PRORURAL+, viram o período previsto no artigo 26.º, n.º 1, do Regulamento (EU) n.º 1303/2013 (de 1 de janeiro de 2014 a 31 de dezembro de 2020) prorrogado até 31 de dezembro de 2022.

O PRORURAL+ assenta numa estrutura focada no apoio à competitividade produtiva e territorial, com intervenção assente em três eixos: competitividade do complexo agroflorestal, sustentabilidade ambiental e dinâmica dos territórios rurais.

As medidas deste Programa que poderão estar mais diretamente relacionadas com o setor florícola são as seguintes:

6.4.1 Medida 4 - Investimentos em Ativos Físicos - Submedida 4.1 - Investimentos nas Explorações Agrícolas

A submedida 4.1. possui como objetivos: melhorar o desempenho técnico, económico e ambiental das explorações visando o aumento da sua competitividade; contribuir para a diversificação da produção; aumentar a produção de alimentos de qualidade; contribuir para o rejuvenescimento dos ativos do setor como alavanca para o combate ao desemprego, incentivando os jovens a permanecer nas zonas rurais e criando emprego.

O diploma que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, é a Portaria n.º 98/2021 de 13 de setembro, que altera a Portaria n.º 47/2015 de 15 de abril, a Portaria n.º 163/2015, de 29 de dezembro e a Portaria n.º 119/2018 de 2 de novembro.

Nesta submedida podem-se candidatar agricultores instalados e em início de atividade, sendo que no caso de investimentos em floricultura ao ar livre, a instalação das culturas deve corresponder a uma área mínima de 500 m^2, do mesmo género. No caso de investimentos que visem a instalação de estruturas de produção sob coberto, estes devem-se referir a uma área mínima de 500 m^2, para as ilhas de São Miguel e Terceira, e de 200 m^2 nas restantes ilhas.

Para o setor florícola, no caso de jovens agricultores (idade inferior a 40 anos), a taxa de comparticipação a fundo perdido é de 70%, para qualquer tipo de investimento elegível. A taxa de comparticipação é de 65% para investimentos em máquinas e equipamentos e de 70% em outros investimentos, no caso de outros agricultores. Quando a produção é em determinado regime de qualidade, a taxa de comparticipação é de 70%, independentemente do tipo de agricultor. Estas taxas podem também ser majoradas em 5%, caso o promotor comprove que concentra e comercializa a produção por uma Organização de Produtores reconhecida.

No caso de investir em energias renováveis e/ou armazenamento de água, a taxa de comparticipação é de 75%.

6.4.1.1 Pedidos de Apoio aprovados e apoios concedidos no âmbito da Submedida 4.1. do PRORURAL+

No âmbito desta sub-medida do PRORURAL+, foram aprovados e encontram-se em execução, no período de 2015 a 2020, vinte e cinco Pedidos de Apoio com investimento no setor florícola.

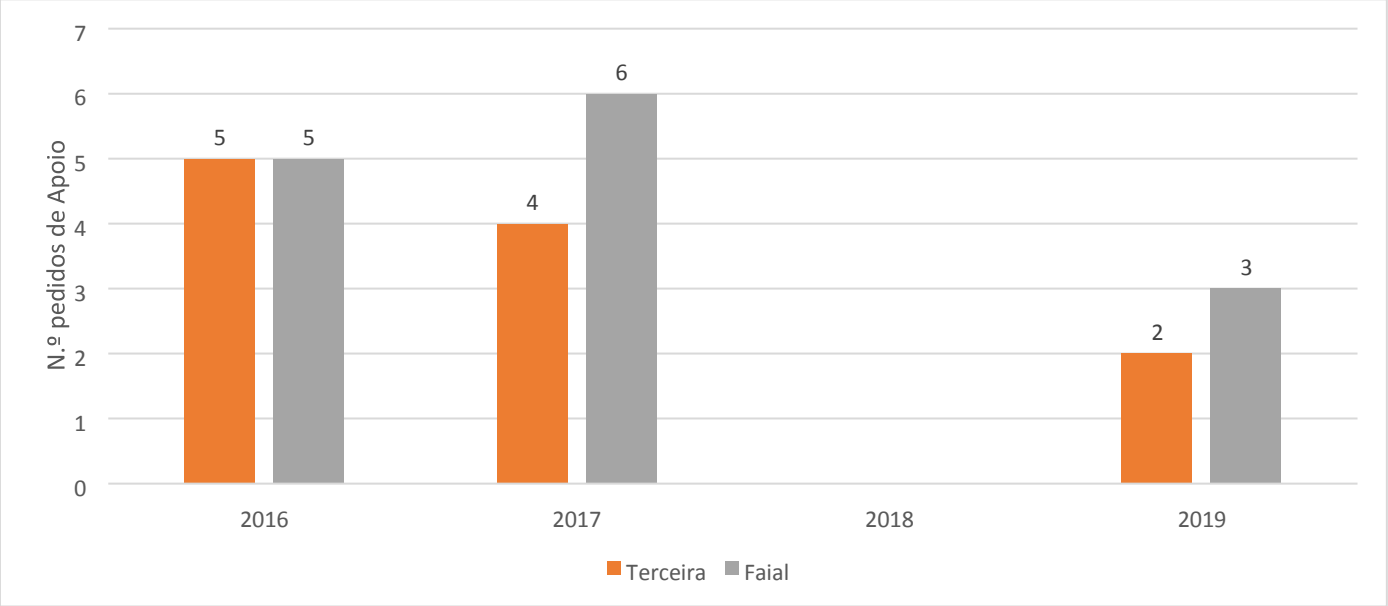

Figura 10 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: número de Pedidos de Apoio, aprovados e em execução, na RAA, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR)

O investimento na instalação de culturas florícolas distribuiu-se por 2 ilhas. Distribuindo-se o investimento em floricultura, nas ilhas da Terceira (11 PA's) e do Faial (14 PA's). O investimento nestas duas ilhas foi principalmente na cultura das Proteaceas, já com larga tradição nestas ilhas, onde toda a produção é exportada para os Países Baixos. Esta exportação é através de Cooperativas, a Frutercoop, na ilha Terceira, e a Cooperativa Agrícola da Ilha do Faial, nesta ilha.

A área total instalada de florícolas (ar livre e sob coberto) foi de 30,54 hectares, conforme demonstra o gráfico abaixo.

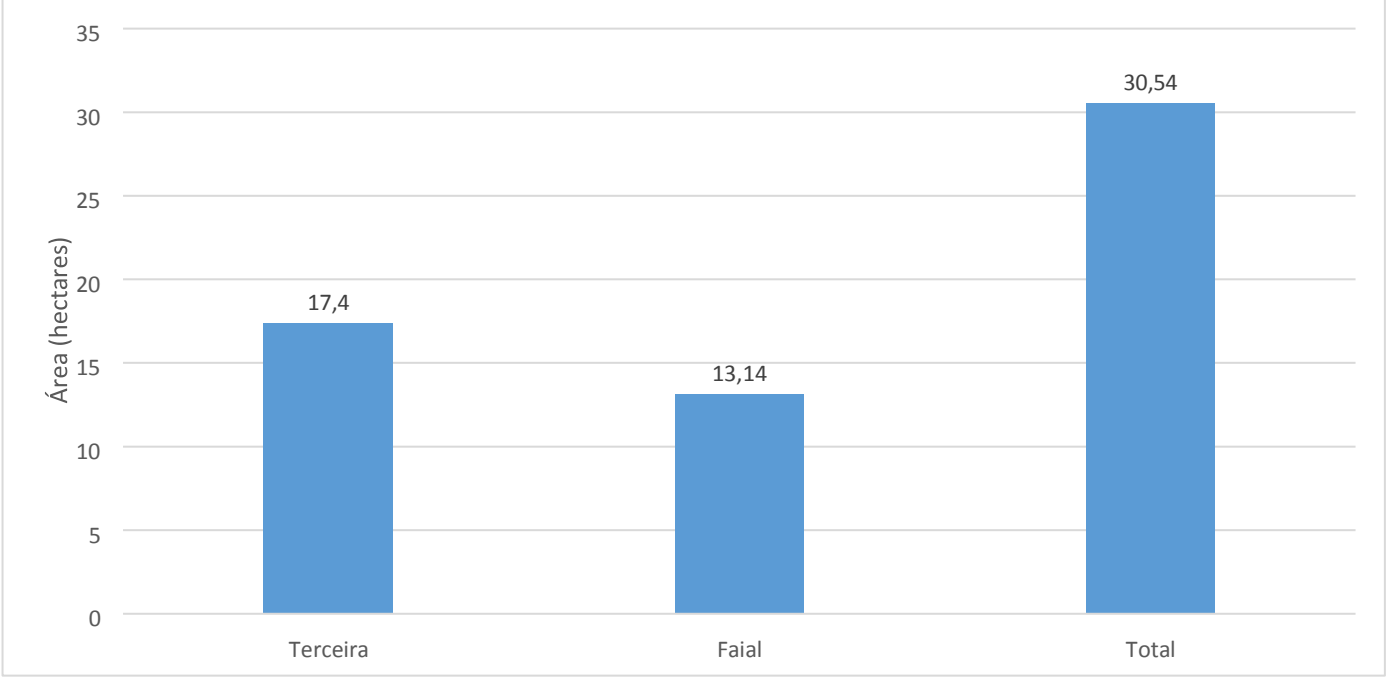

Figura 11 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: área instalada com espécies florícolas, por ilha , entre 2015-2020 (Fonte: DRDR)

Quanto às diferentes culturas florícolas instaladas, obtivemos os seguintes dados:

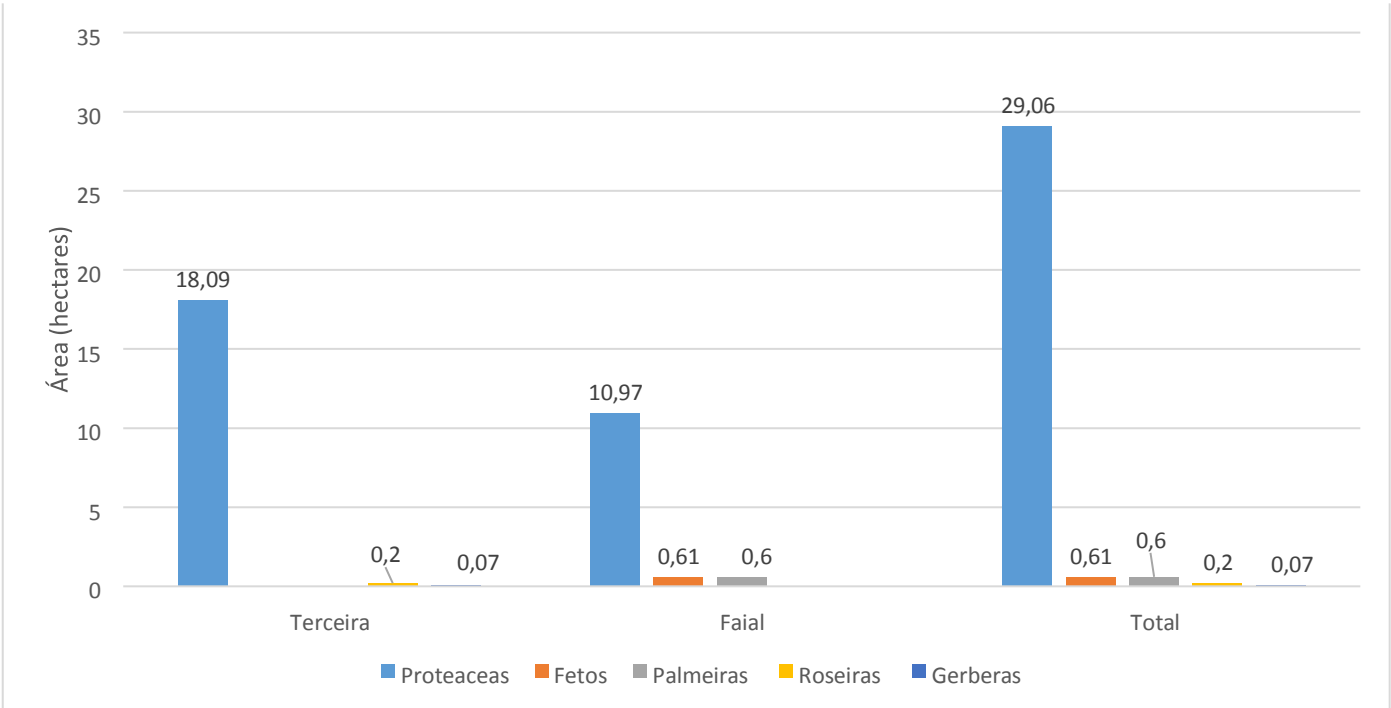

Figura 12 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: áreas de culturas florícolas instaladas, ao ar livre e sob coberto, por ilha, , entre 2015-2020 (Fonte: DRDR)

Verifica-se que quase todo o acréscimo de área instalada, desde 2015, foi ao ar livre e com Proteaceas, correspondendo a 29,06 hectares do total de 30,6 hectares.

A pequena área sobrante, divide-se pelas culturas de fetos, roseiras e gerberas (sob-coberto) e palmeiras (ar livre).

Como podemos verificar no quadro seguinte, uma parte importante das explorações apoiadas são especializadas em floricultura:

Quadro 5 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: número de pedidos de apoio aprovados, entre 2015 e 2020 (Fonte: DRDR)

Setores de Atividade	N.ºPedidos de Apoio - Terceira	N.º Pedidos de Apoio - Faial
Floricultura ar livre (Proteaceas)	8	8
Floricultura sob coberto (Roseiras/Gerberas)	1	-
Floricultura ar livre (Proteaceas)/Bovinicultura de Carne	2	3
Setores de Atividade	**N.ºPedidos de Apoio - Terceira**	**N.º Pedidos de Apoio - Faial**
Floricultura ar livre e sob-coberto (Proteaceas+Fetos+Palmeiras)/Fruticultura	-	1
Floricultura ar livre e sob-coberto (Proteaceas+Fetos)/Fruticultura/Horticultura	-	1
Floricultura ar livre (Proteaceas)/Fruticultura/Bovinicultura de Carne	-	1

Quanto ao investimento elegível aprovado e respetivo subsídio (despesa pública), correspondeu aos valores abaixo discriminados:

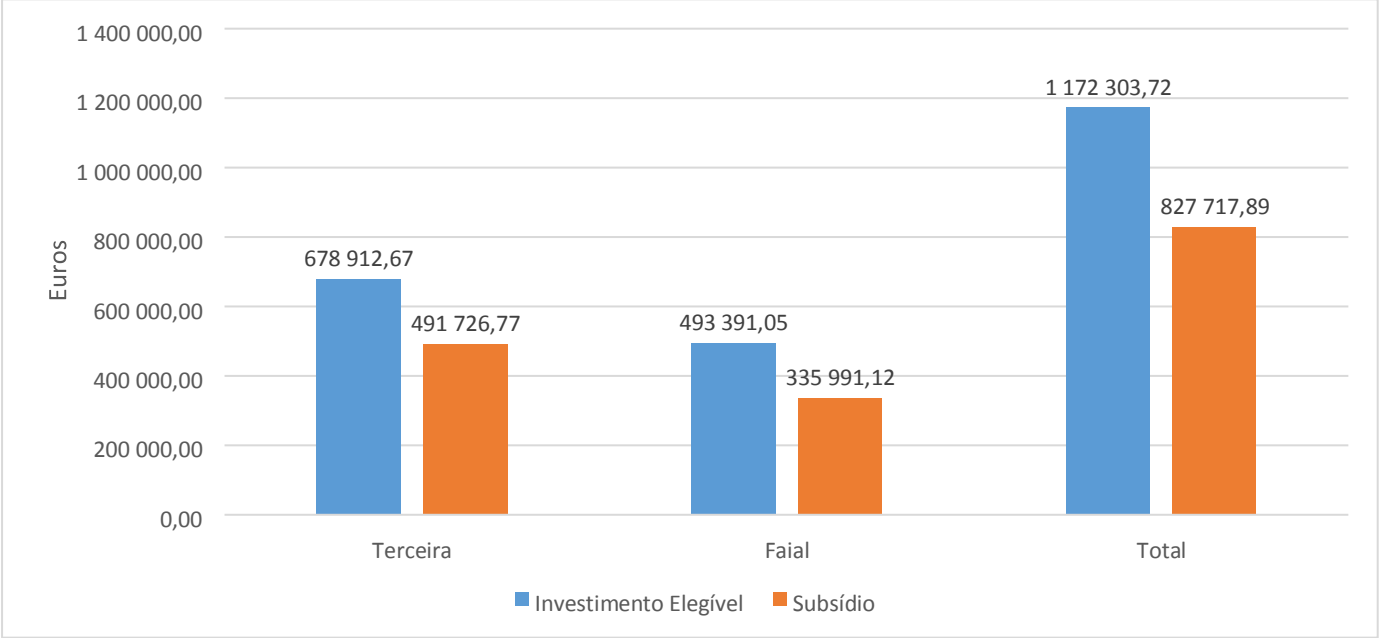

Figura 13 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: montantes aprovados de investimento elegível e subsídio, por ilha, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR)

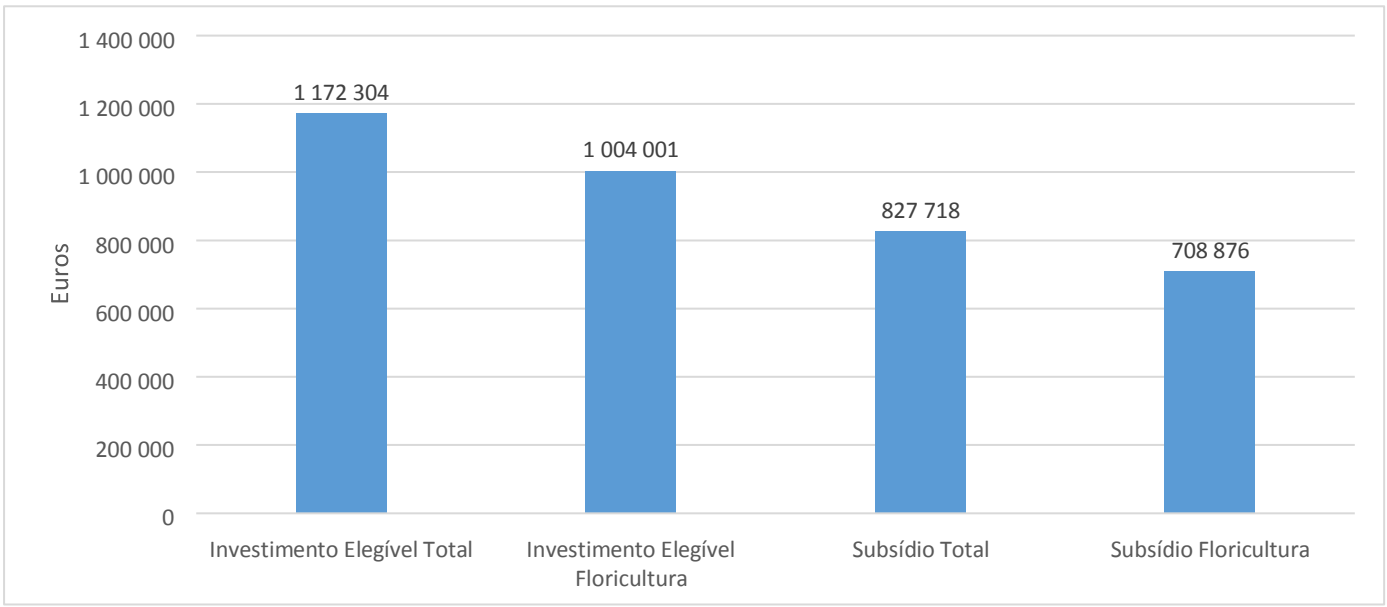

Figura 14 - PRORURAL+ sub-medida 4.1 - investimento em floricultura: montantes aprovados, com comparação entre o investimento elegível total de explorações que incluem floricultura com o investimento exclusivo em floricultura das mesmas, , na RAA, entre 2015-2020

6.4.2 Medida 6 – Desenvolvimento das Explorações Agrícolas e das Empresas - Submedida 6.1. – Instalações de Jovens Agricultores

A medida Desenvolvimento das Explorações Agrícolas e das Empresas pretende incentivar os jovens a assumirem a gestão de uma exploração.

O diploma que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, é a Portaria n.º 39/2018 de 18 de abril, que altera a Portaria n.º 46/2015 de 15 de abril e a Portaria n.º 164/2015 de 29 de dezembro.

Na submedida que visa a instalação de jovens agricultores, podem candidatar-se jovens que pretendam ser agricultores e que possuam idade inferior a 40 anos.

Um jovem agricultor que se instale no setor florícola, como agricultor a título principal, poderá auferir de um prémio a partir de 22.300,00 €, com uma área a partir de 0,5 hectares, que justifique um trabalhador a tempo inteiro.

No âmbito do PRORURAL+, desde 2015, foram aprovados 10 Pedidos de Apoio à 1.ª Instalação para as explorações com instalação de culturas florícolas, estando a decorrer os respetivos Planos de Atividade.

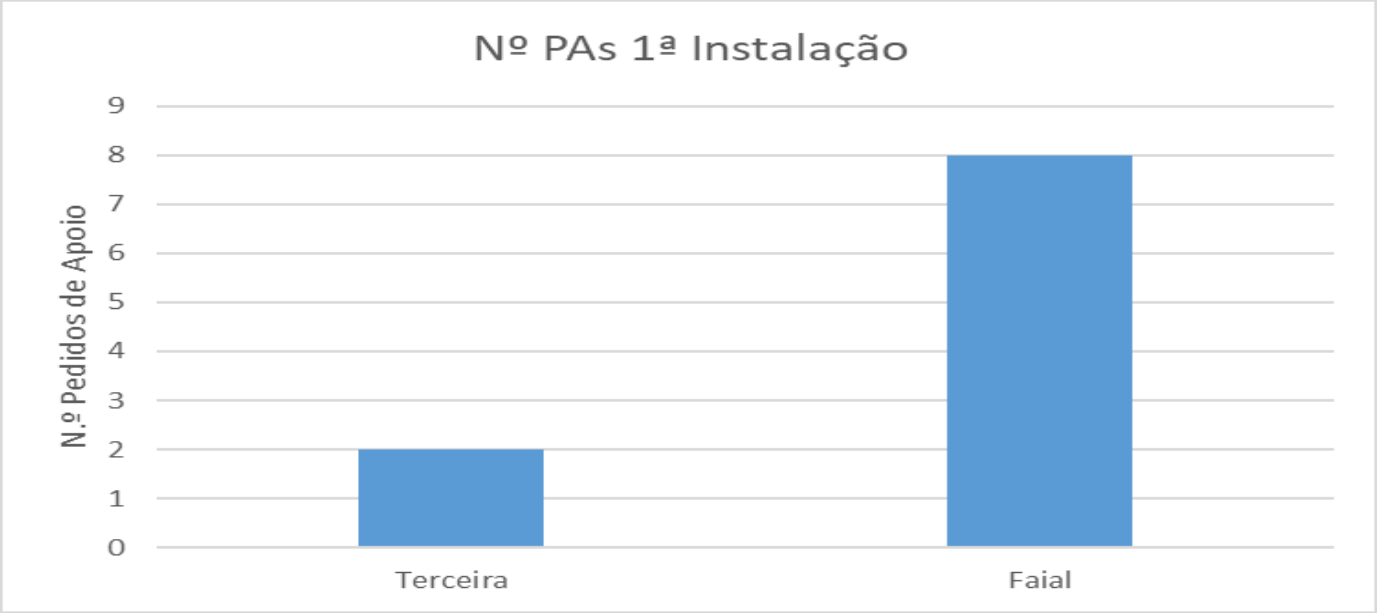

Figura 15 - PRORURAL+ sub-medida 6.1 - Instalação de Jovens Agricultores: número de Pedidos de Apoio aprovados, em explorações que incluem setor florícola, por ilha, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR)

Relativamente ao montante de prémio aprovado, o qual é atribuído com base na superfície agrícola da exploração, verificaram-se os seguintes valores:

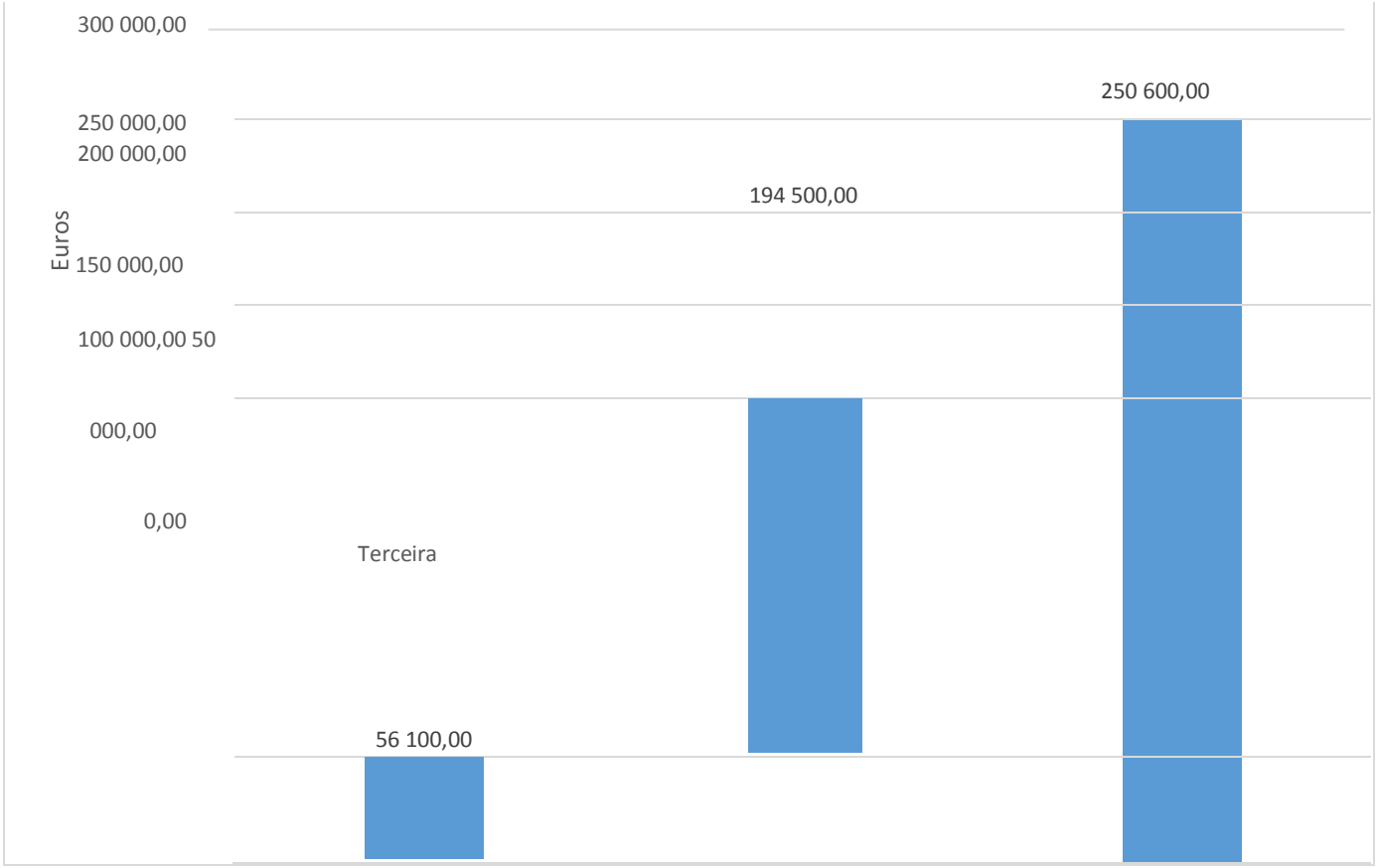

Figura 16 - PRORURAL+ sub-medida 6.1 - Instalação de Jovens Agricultores: montantes aprovados, por ilha, entre 2015-2020 (Fonte: DRDR)

Relativamente ao montante de prémio aprovado, o qual é atribuído com base na superfície agrícola da exploração, a grande maioria concentra-se no intervalo de menor área (>= 0,5 ha <=5 ha – 22 300,00 €). Quando o valor é superior ao referido montante, por norma, as explorações estão associadas a áreas forrageiras.

6.4.3 Medida 9 – Criação de agrupamentos e de Organizações de Produtores; Submedida 9.1 – Criação de Agrupamentos e de Organizações de Produtores nos setores da Agricultura e da Silvicultura.

Esta medida do PRORURAL+ tem como objetivo superar a elevada atomização dos produtores, estimulando a sua organização; apoiar os produtores a organizarem-se de forma a combaterem os desafios impostos pela intensificação da concorrência e da produção, contribuindo assim para aumentar a capacidade de gerar valor a montante e contrariar o desequilíbrio da cadeia de valor; criar meios de organização da produção e de boa gestão com interligação ao mercado; melhorar a utilização dos recursos humanos e financeiros.

Na submedida em análise podem-se candidatar Agrupamentos (AP) e as Organizações de Produtores (OP), reconhecidos pelo IAMA. O apoio nesta submedida é concedido numa base forfetária de 10% do valor de produção comercializada (VPC) previsto em plano de atividades, durante um período máximo de 5 anos.

O diploma que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, é a Portaria n.º 38/2018 de 18 de abril, que altera a Portaria n.º 123/2015 de 29 de setembro.

No âmbito deste regime de apoio foram aprovadas 4 candidaturas, 3 na ilha Terceira, flores, banana e mel, e 1 na ilha de S. Miguel, banana. Estas candidaturas correspondem a duas entidades: Frutercoop e Frutaçor.

6.4.4 Medida 10 – Agroambiente e Clima

A medida Agroambiente e Clima pretende dar continuidade à preservação e melhoria dos ecossistemas localizados em zonas agrícolas, orientando a atividade agrícola para sistemas de produção menos intensivos que visem a proteção e preservação da biodiversidade em zonas agrícolas, bem como a restauração e preservação da paisagem.

Os diplomas que estabelecem as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, são as Portarias n.º 18/2021 de 8 de março e n.º 19/2021 de 15 de março, que alteram a Portaria n.º 26/2015 de 5 de março, alterada pelas Portarias n.º 65/2015, de 31 de maio, n.º 108/2015, de 31 de julho, n.º 19/2016, de 29 de fevereiro, n.º 40/2017, de 26 maio, n.º 43/2017, de 20 de junho e n.º 11/2019 de 13 de fevereiro.

A Portaria n.º 18/2021 de 8 de março, veio dar possibilidade de candidatura a novos compromissos a várias operações da submedida 10.1 – Pagamento de compromissos respeitantes ao agroambiente e ao clima, nomeadamente, a operação 10.1.3. – Conservação de sebes vivas para a proteção de culturas hortofrutiflorícolas, plantas aromáticas e medicinais.

Esta Portaria também possibilitou a prorrogação do período de compromisso agroambiental no ano de 2021 para a operação 10.1.5 – Produção Integrada da submedida 10.1.

6.4.4.1 Intervenção 10.1.3 - Conservação de sebes vivas para a proteção de culturas hortofrutiflorícolas, plantas aromáticas e medicinais

Os apoios previstos visam proteger as culturas contra os ventos dominantes, mantendo um sistema tradicional de produção, salvaguardando os valores do património cultural existente.

O valor anual do apoio é de 600 €/ha de área elegível e os últimos Pedidos de Apoio, desta ajuda, ocorreram em 2015 e 2016, estando a decorrer os respetivos compromissos.

Com a possibilidade de novas candidaturas, poderão ocorrer novos compromissos, para um período de 2 anos.

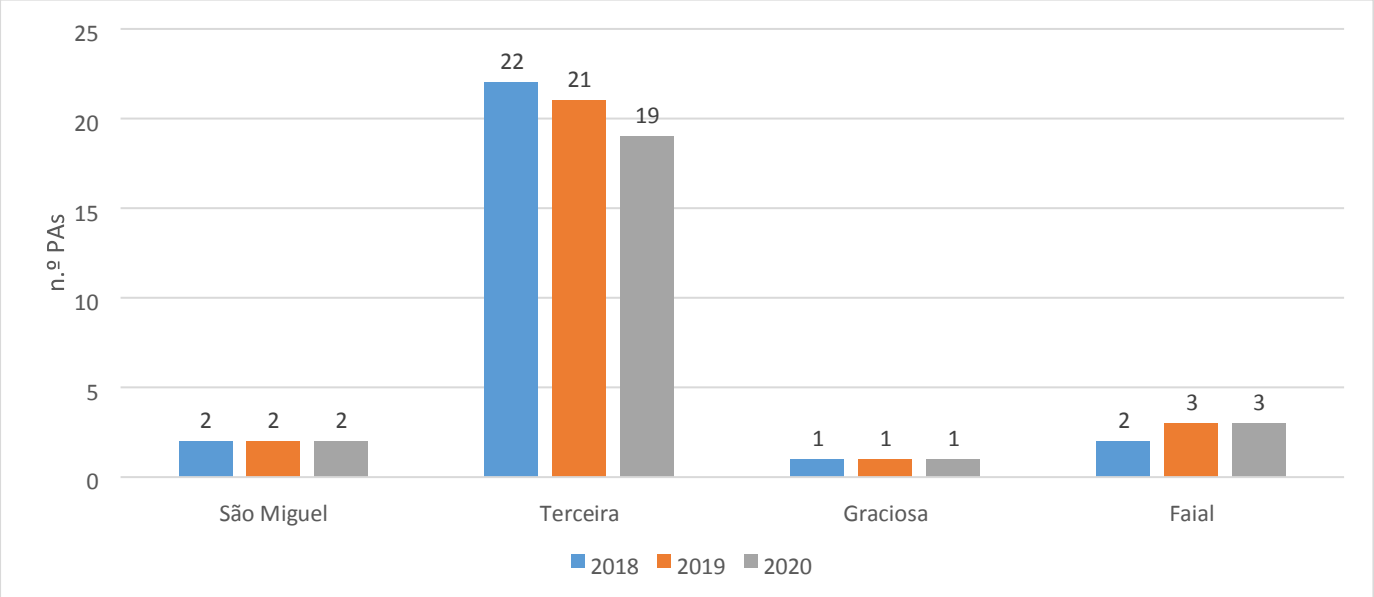

Figura 17 - PRORURAL+, Intervenção 10.1.3 - Conservação de sebes vivas: número de Pedidos de Apoio aprovados de explorações com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR)

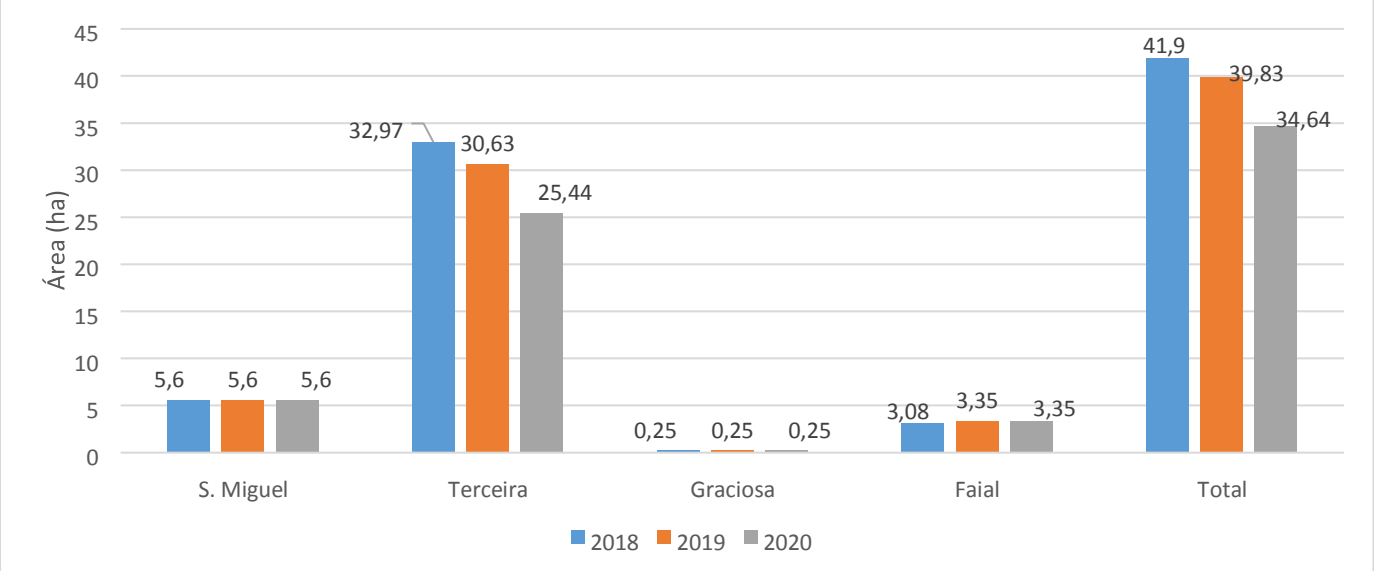

Figura 18 - PRORURAL+, Intervenção 10.1.3 - Conservação de sebes vivas: áreas com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR)

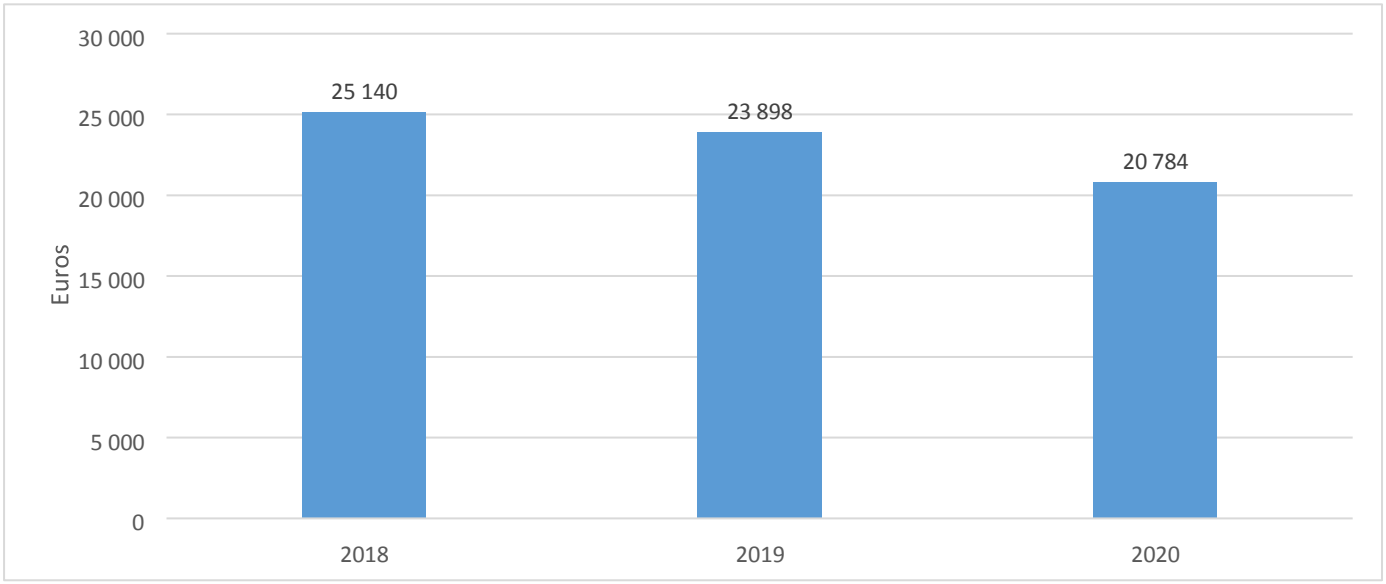

Figura 19 - PRORURAL+, Intervenção 10.1.3 - Conservação de sebes vivas: montantes pagos referentes às áreas com ocupação cultural de floricultura, na RAA, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR)

6.4.4.2 Intervenção 10.1.5 – Produção Integrada

Os apoios previstos visam apoiar as explorações com Produção Integrada.

O valor anual do apoio é de 400 €/ha de área elegível, para o setor hortícola, e os últimos Pedidos de Apoio, desta ajuda, ocorreram em 2015, cujos compromissos assumidos foram prorrogados, através da Portaria n.º 18/2021 de 8 de março.

Nesta ajuda do PRORURAL+, existe um único beneficiário, da ilha do Faial, cuja exploração possui culturas florícolas. Nos anos de 2018, 2019 e 2020, as candidaturas corresponderam, em cada ano, à área total florícola desta exploração, de 1,64 ha.

Uma explicação para a diminuta área candidatada, nesta intervenção, será o facto desta ajuda não ser cumulativa com a ajuda à conservação de sebes vivas, tendo os agricultores que optar. Como o apoio à Conservação de sebes é superior, normalmente os produtores optam por esta última.

6.4.5 Medida 13 – Pagamentos relativos a zonas sujeitas a condicionantes naturais ou outras condicionantes específicas (MAAZD)

A legislação que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, é a Portaria n.º 80/2021 de 3 de agosto, que altera a Portaria n.º 25/2015, de 5 de março, que por sua vez foi alterada e republicada pelas Portarias n.º 109/2015, de 31 de julho, n.º 40/2017, de 26 de maio, n.º 15/2018, de 26 de fevereiro e n.º 20/2021 de 15 de março.

Este apoio visa compensar os agricultores pelos custos adicionais e pela perda de rendimento resultante das limitações à produção agrícola nas zonas sujeitas a condicionantes naturais ou outras condicionantes específicas, fomentando a utilização das terras, evitando assim o seu abandono; e, contribuir para a sustentabilidade das explorações, atenuando as desigualdades sociais, reduzindo as assimetrias no rendimento entre os agricultores.

Esta ajuda decorre anualmente e o montante do apoio é determinado, de forma degressiva, em função da superfície agrícola e da localização da exploração, podendo ir até 250 €/ha.

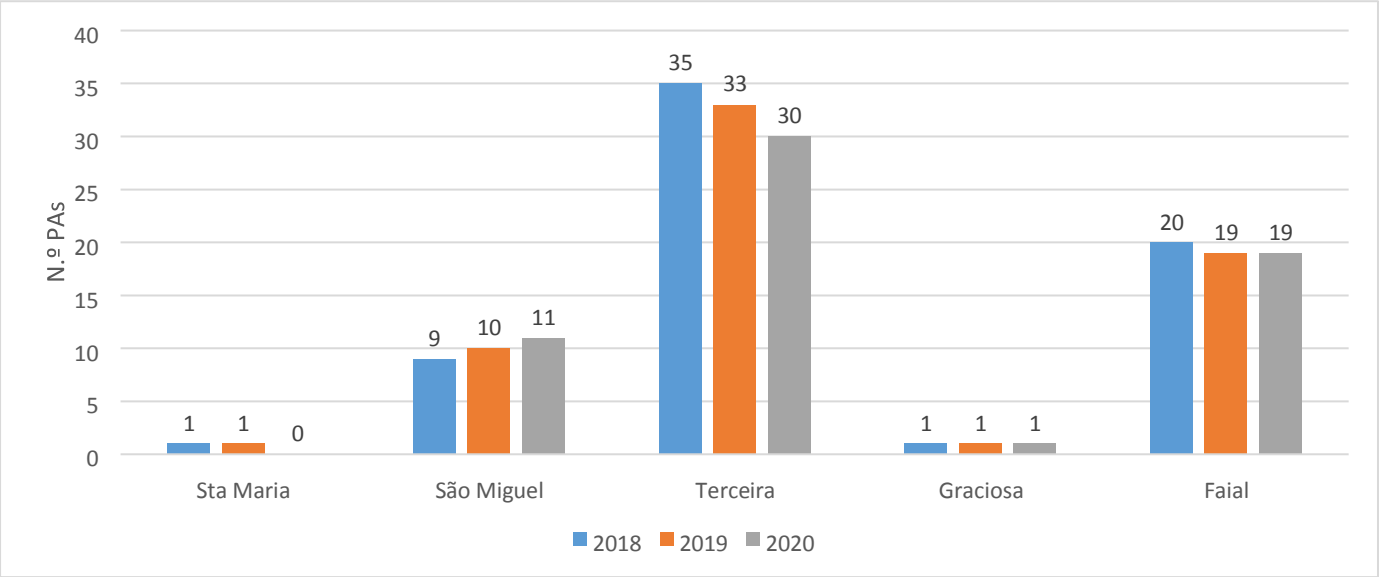

Figura 20 - PRORURAL+, MAAZD: número de Pedidos de Apoio aprovados com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR)

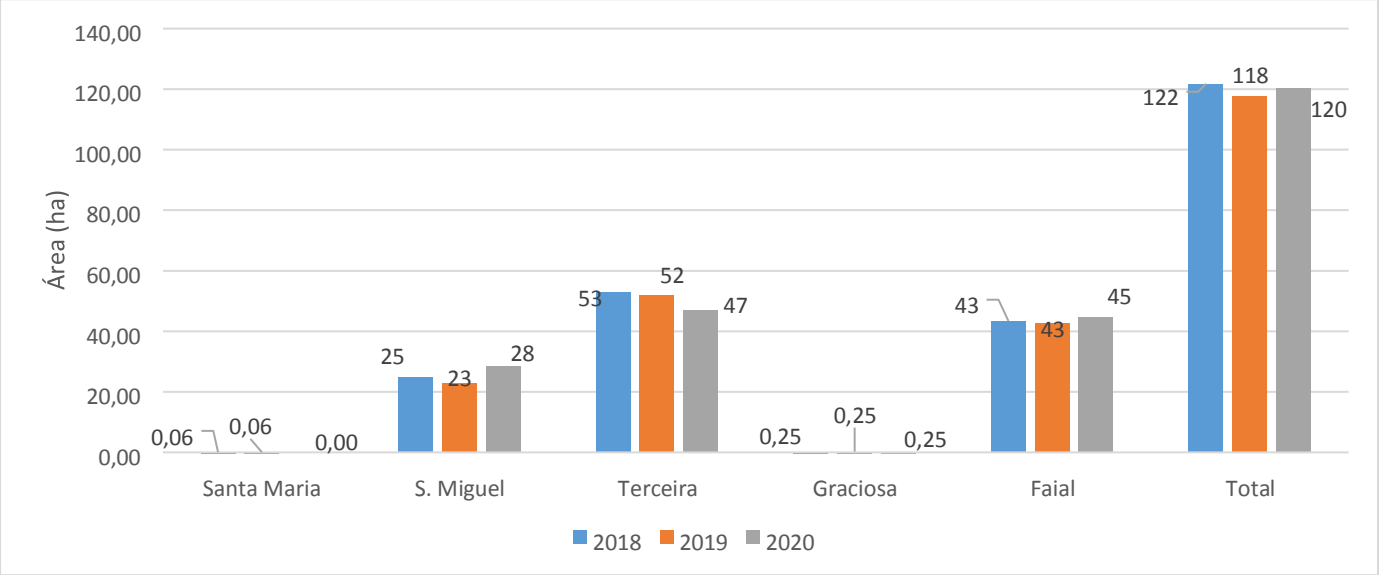

Figura 21 - PRORURAL+, MAAZD: áreas com ocupação cultural de floricultura, por ilha, entre 2018-2020 (Fonte: DRDR)

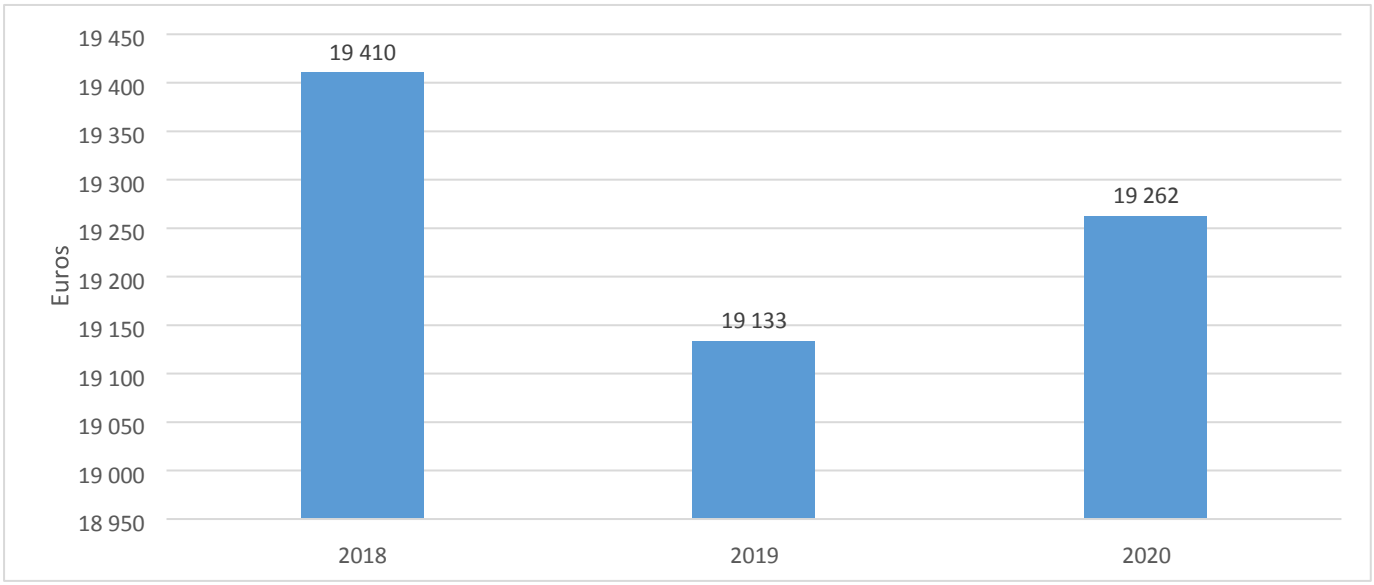

Figura 22 - PRORURAL+, MAAZD: montantes pagos a explorações com ocupação cultural de floricultura, na RAA, entre 20182020 (Fonte: DRDR)

Para além das medidas de apoio acima descritas, existem outras previstas no PRORURAL+ que, de uma forma mais indireta, também poderão contribuir para o desenvolvimento do setor florícola, pelo que são referidas seguidamente e de forma resumida.

6.4.6 Medida 1 – Transferência de Conhecimentos e Ações de Informação

O diploma que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, é a Portaria n.º 82/2016 de 29 de julho, que altera a Portaria n.º 66/2015 de 28 de maio e a Portaria n.º 88/2015, de 26 de junho.

Esta medida visa, entre outros objetivos, promover a formação profissional, realização de atividades de demonstração que apresentem potencial, nos setores agrícola, florestal e agroalimentar.

Esta medida pretende contribuir para o aumento dos níveis de conhecimento dos ativos dos setores agrícolas, florestal e agroalimentar, através da realização de ações de formação, sessões de informação, demonstrações ou visitas a explorações agrícolas.

6.4.7 Medida 2 – Serviços de Aconselhamento e serviços de gestão Agrícola e substituição nas explorações agrícolas

A medida Serviços de Aconselhamento e Serviços de Gestão Agrícola e de Substituição nas Explorações Agrícolas pretende criar e consolidar a prestação de serviços de gestão e aconselhamento com estruturas e recursos devidamente adequados às necessidades das explorações agrícolas e florestais.

Submedida 2.1. – Prestação de serviços de aconselhamento agrícola e florestal

Submedida 2.2. – Criação de serviços de aconselhamento e gestão agrícola e serviços de criação de aconselhamento florestal.

A legislação de aplicação é a Portaria n.º 103/2018 de 23 de agosto, que altera as Portarias n.º 121/2015 de 24 de setembro, n.º 86/2016 de 11 de agosto e n.º 31/2018 de 28 de março.

6.4.8 Medida 4 – Investimentos em ativos físicos, Submedida 4.2. – Apoio à transformação, comercialização e desenvolvimento de produtos agrícolas.

Embora visando diretamente o setor frutícola, nomeadamente apoiando os investimentos em fabricação de sumos, congelação de frutos, secagem e desidratação de frutos, fabricação de doces e compotas, este regime poderia, a título de exemplo, atingir o sector da floricultura, lateralmente, através da incorporação de flores comestíveis, ou do fabrico de novos produtos, como óleos essenciais.

A Portaria n.º 23/2021 de 26 de março que altera a Portaria n.º 48/2015 de 15 de abril e a Portaria n.º 96/2015 de 14 de julho.

As taxas de apoio variam entre 55% e 90% do investimento elegível.

6.4.9 Medida 5 – Restabelecimento do Potencial de Produção agrícola afetado por catástrofe e Introdução de Medidas de Prevenção, Submedida 5.1. – Ações Preventivas.

Os apoios previstos nesta submedida, publicados através da Portaria n.º 117/2015 de 25 de agosto, têm como objetivo apoiar investimentos em medidas de prevenção destinadas a atenuar as consequências de eventuais catástrofes naturais, fenómenos climáticos adversos e acontecimentos catastróficos. São elegíveis investimentos como muros de suporte de terras, estruturas de escoamento de águas, sebes (vivas ou artificiais) e contribuições em espécie (diretamente ligadas os investimentos). A taxa de comparticipação é de 80% das despesas elegíveis, até ao valor máximo de 75.000€.

6.4.10 Medida 11 - Agricultura Biológica

Embora esta medida do PRORURAL+ não contemple a floricultura, trata-se de um regime que poderia vir a abranger este sector.

O regime de apoio é suportado pela Portaria n.º 19/2021 de 15 de março, que corresponde à última alteração da Portaria n.º 30/2015 de 9 de março.

Remetemos o desenvolvimento deste assunto para o plano estratégico para o desenvolvimento da Agricultura Biológica publicado recentemente.

6.4.11 Medida 16 – Cooperação. Submedida 16.1 – Criação e funcionamento de Grupos operacionais da PEI (Parceria Europeia da Inovação) para a produtividade e a sustentabilidade agrícolas e Submedida 16.2 – Apoio a projetos-piloto e ao desenvolvimento de novos produtos, práticas, processos e tecnologias.

Esta medida inclui objetivos como incrementar a inovação, cooperação e desenvolvimento da base de conhecimento nas zonas rurais; reforçar as ligações entre a agricultura, a produção agroalimentar, a silvicultura e a investigação e a inovação, inclusive na perspetiva de uma melhor gestão e desempenho ambientais; melhorar o desempenho económico de todas as explorações agrícolas e florestais, facilitando a sua reestruturação e modernização, aumentar a participação no mercado e a orientação para esse mesmo mercado, assim como a diversificação agrícola e florestal, e; simplificar o fornecimento e utilização de fontes de energia renováveis, de subprodutos, resíduos e desperdícios e de outras matérias-primas não alimentares para promover a bioeconomia.

O diploma que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, é a Portaria n.º 100/2018 de 13 de agosto, que altera as Portarias n.º 27/2016 de 15 de março, 68/2017 de 31 de agosto, n.º 5/2018 de 23 de janeiro e n.º 150/2015 de 11 de novembro.

6.4.11 Medida 17 - Sub-medida 17.1 do PRORURAL+ - A implementação de seguros de colheitas agrícolas

A legislação que estabelece, para a RAA, o regime do seguro de colheitas de frutas e produtos hortícolas no âmbito dos fundos agrícolas europeus, para determinadas culturas (incluindo frutícolas) é a Portaria n.º 109/2018 de 5 de setembro, que altera a Portaria n.º 143/2015, de 3 de novembro.

Os apoios previstos neste apoio visam incentivar a competitividade da agricultura, dinamizar a utilização de seguros agrícolas, promover a gestão de risco na agricultura e compensar e minimizar as perdas provocadas por fenómenos climáticos adversos, sobre o rendimento da atividade agrícola.

6.4.12 Medida 19 (GAL) – A submedida 19.2 – Apoio à realização de operações no âmbito da estratégia de desenvolvimento local LEADER, desenvolvido pelos Grupos de Ação Local, no âmbito das suas Estratégias de Desenvolvimento Local, com várias intervenções: Intervenção 6.4. – Investimento em infraestruturas de pequena escala, incluindo energias renováveis e economia de energia. Nesta intervenção, apesar das atividades elegíveis serem não agrícolas, podem-se

enquadrar, por exemplo, atividades como transformação de produtos hortícolas (fabricação de doces, compotas) ou promoção, marketing de produtos agrícolas.

O diploma que estabelece as regras aplicáveis aos apoios a conceder no âmbito desta medida, é a Portaria n.º 78/2017 de 6 de outubro, que altera a Portaria n.º 97/2015 de 20 de julho e a Portaria n.º 10/2016 de 12 de fevereiro.

As taxas de apoio variam entre 50% e 70%.

6.5 POSEI

O Programa POSEI corresponde a um Programa de Opções Específicas para o Afastamento e a Insularidade nas Regiões Ultraperiféricas (RUP). Teve por base o Regulamento (CE) n.º 228/2013 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 13 de março de 2013, que estabelece medidas específicas no domínio agrícola a favor das regiões ultraperiféricas da União Europeia, para compensar o afastamento, a insularidade, a ultraperificidade, a superfície reduzida, o relevo e o clima, assim como a dependência de um pequeno número de produtos que, em conjunto, constituem condicionalismos importantes à atividade agrícola destas regiões.

As regiões, através dos Estados-membros, apresentam à Comissão um projeto de alteração ao Programa POSEI, que anualmente, após a aprovação da Comissão, entra em funcionamento nas respetivas regiões.

O POSEI comporta dois regimes diferentes. Por um lado, o Regime Específico de Abastecimento (REA), destinado ao abastecimento daquelas regiões em produtos para o consumo direto, alimentação animal, para a indústria de transformação, por outro, o regime que estabelece as Medidas a Favor das Produções Agrícolas Locais (MAPL), cujo papel é primordial para garantir a manutenção e a viabilidade da atividade agrícola.

No âmbito das ajudas às produções vegetais, destacam-se duas medidas relacionadas com a floricultura:

- Ajuda ao acondicionamento de Próteas

- Ajuda aos Produtores de Hortofrutiflorícolas e Outras Culturas

6.5.1 Ajuda ao acondicionamento de Próteas

Esta ajuda foi publicada em 2019, através da Portaria n.º 27/2019, de 4 de abril, com alterações introduzidas pela Portaria n.º 60/2019, de 30 de agosto.

São elegíveis, para efeitos de concessão da ajuda, as próteas produzidas e acondicionadas na RAA e comercializadas na União Europeia e países terceiros.

Podem beneficiar desta ajuda as organizações de produtores devidamente reconhecidas e, excecionalmente, podem beneficiar da ajuda as associações e os produtores de próteas que comercializem diretamente a sua produção e se encontrem em ilhas onde não existam organizações de produtores reconhecidas.

O montante da ajuda é de 0,05 euros por haste acondicionada e comercializada, com calibre igual ou superior a 40 cm.

Quadro 6 - Ajuda ao acondicionamento de Próteas, na RAA, em 2019 e 2020

Ano	Terceira			Faial		
	Nº Benificiários	Nº hastes	Montante apurado (€)	Nº Benificiários	Nº hastes	Montante apurado (€)
2019	1	1 756 526	87 826,30	1	178 933	8 857,18
2020	1	1 316 995	65 849,75	2	76 918	3 845,90

Esta ajuda foi implementada com a Portaria n.º 16/2020, de 11 de fevereiro, alterada pela Portaria n.º 17/2021, de 5 de março. Podem beneficiar desta ajuda os agricultores ativos que cultivem hortofrutiflorícolas e outras culturas. No caso da ocupação cultural ser com florícolas o valor do apoio é de 1400 €/ha.

Quadro 7 - Ajuda aos produtores de hortofrutiflorícolas e Outras Culturas, na RAA, em 2019 e 2020

Ilha	2019			2020		
	Nº Benificiários	Área (ha)	Montante apurado (€)	Nº Benificiários	Área (ha)	Montante apurado (€)
Santa Maria	0	0	0	0	0	0
São Miguel	11	26,62	35 879,00	11	24,42	33 019,00
Terceira	36	53,99	75 029,00	35	61,45	85 414,00
Graciosa	1	0,25	342	1	0,25	342
São Jorge	0	0	0	0	0	0
Pico	0	0	0	0	0	0
Faial	21	44,16	58 749,00	20	45,35	60 317,00
Flores	0	0	0	0	0	0
Corvo	0	0	0	0	0	0
Total	**69**	**125,02**	**169 999,00**	**67**	**131,47**	**179 092,00**

Relativamente aos PA's cujas áreas possuem ocupação cultural com espécies florícolas, os gráficos abaixo indicam os dados refletidos no quadro anterior, para o ano de 2020. Verifica-se que recorreram a

esta medida floricultores das ilhas de São Miguel, Terceira, Graciosa e Faial, sendo as ilhas da Terceira e do Faial as que apresentam maior número de candidaturas. Tal deve-se à vasta plantação de Proteaceas nestas ilhas.

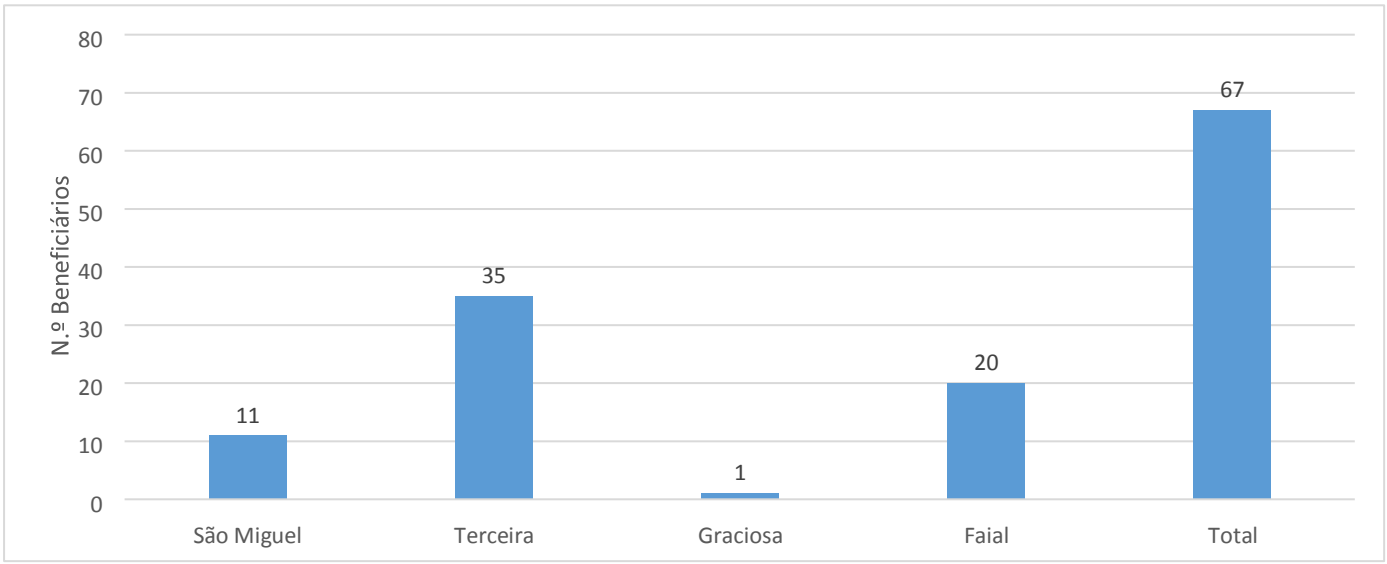

Figura 23 - Ajuda aos Produtores de Hortofrutiflorícolas e outras culturas: número de beneficiários, por ilha, em 2020

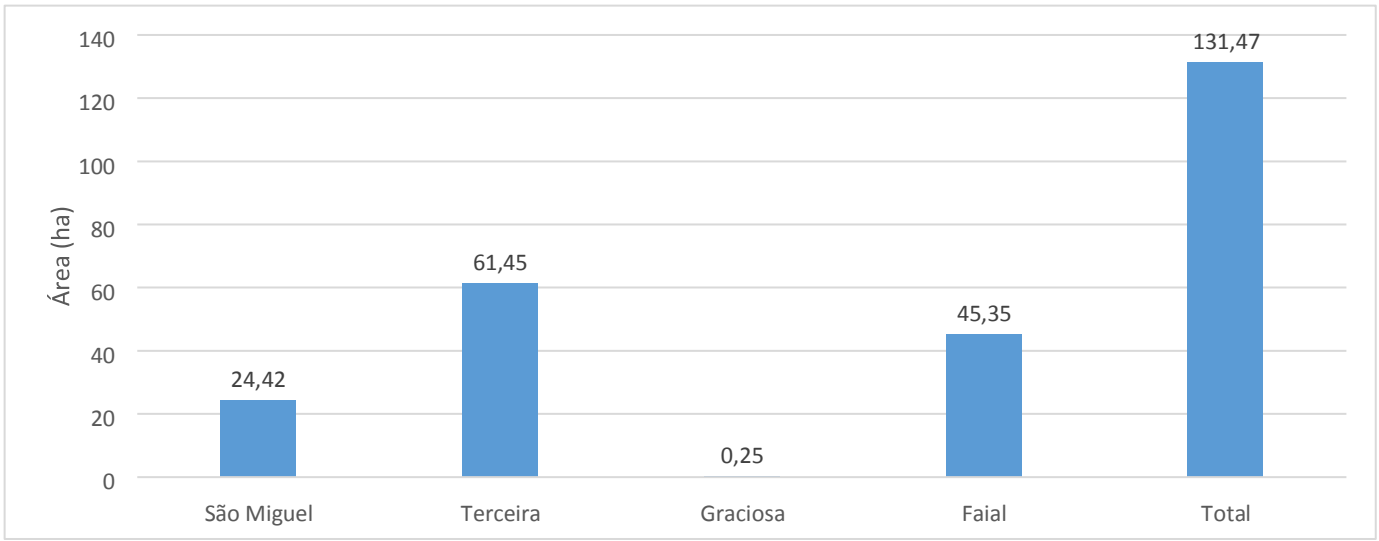

Figura 24 - Ajuda aos Produtores de Hortofrutiflorícolas e outras culturas: área instalada com culturas florícolas, por ilha, em 2020

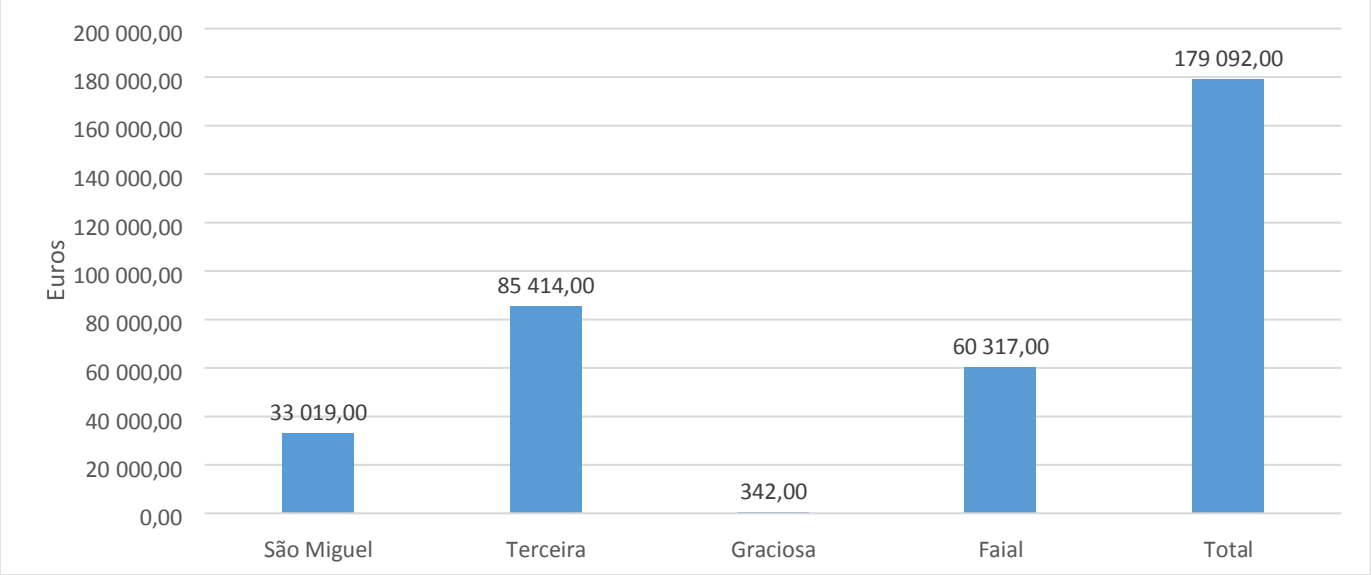

Figura 25 - Ajuda aos Produtores de Hortofrutiflorícolas e outras culturas: montantes pagos às explorações florícolas, por ilha, em 2020

7. Floricultura em Modo de Produção Biológico

A floricultura em MPB ganha adeptos por todo o mundo e encontra nichos de mercado importantes, nalguns países.

Ao nível do consumo, o mercado interno açoriano da floricultura está pulverizado em 9 mercados distintos, que não têm dimensão. A floricultura em MPB não tem mercado, nem se espera que o MPB seja valorizado regionalmente no curto a médio prazo.

Por outro lado, ao nível da produção, nos Açores, a produção biológica de proteáceas mostrou que a humidade relativa do ar coloca desafios sanitários difíceis de contornar.

Os produtos fitofarmacêuticos autorizados no âmbito do MPB para a cultura de próteas não se têm revelado suficientes para o controlo dos problemas fitossanitários, principalmente os que são causados por fungos. Por outro lado, também, as atuais cadeias comerciais de exportação de próteas não valorizam nem diferenciam os produtos em MPB, sendo estes comercializados juntamente com os produtos em Proteção Integrada.

Ao nível das espécies ornamentais envasadas, há experiências de campo que mostram potencial para o MPB, embora possam também colocar desafios diferentes com o eventual crescimento da produção.

A floricultura em MPB rege-se pela legislação geral da produção agrícola em MPB. Neste momento, encontra-se ainda em vigor o Regulamento (CE) n.º 834/2007 do Conselho. Este diploma foi já substituído pelo Regulamento (UE) 2018/848 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 30 de maio de 2018, que revoga o documento de referência, e que entrará em aplicação em 2022.

8. Apicultura como atividade complementar à floricultura

A floricultura e a apicultura são duas atividades com forte tradição nos Açores. As explorações de flores de corte, jardins e flores existentes junto às vias públicas, espaços envolventes e espaços de domínio privado são um grande contributo para a atividade das abelhas, principalmente quando a floricultura cultivada tem flores em períodos do ano em que a flora silvestre não tem.

A apicultura pode ser uma atividade complementar à floricultura. Muitas das espécies de flores cultivadas nos Açores são melíferas, como é o caso das proteáceas e é possível a instalação de apiários nas explorações florícolas desde que seja salvaguardada uma boa gestão dos produtos fitofarmacêuticos de modo a não prejudicar a sua atividade e, por outro lado, disponibilizar as flores não comercializáveis para a colheita de pólen e néctar por parte das abelhas. Embora ainda seja raro, alguns produtores florícolas já têm apiários na sua exploração, aproveitando as flores de proteáceas para fornecer alimento num período do ano em que este escasseia (Domingues, 2017). Também é comum a permanência de enrelvamento nas explorações florícolas, principalmente com espécies de trevos, muito procurados pelas abelhas durante o período de verão.

Este Plano prevê reforçar as ações a desenvolver no Plano Estratégico para a Apicultura nos Açores, o qual já engloba ações que visam "envolver os Municípios e Juntas de Freguesia e as entidades públicas que possuem vias/caminhos públicos, nos processos de divulgação, na criação de espaços destinados à produção de plantas melíferas, assim como a instalação de espécies melíferas nas vias de comunicação" (SRAF, 2020). Espécies ornamentais, tais como *Callistemon* spp. (lava-garrafas), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Buddleia* spp. e *Camellia japonica*, são recomendadas com particular interesse para a apicultura.

9. Análise SWOT à situação atual da floricultura na RAA

PONTOS FRACOS

Clima com eventos meteorológicos tempestuosos, por vezes devastadores, que condicionam algumas culturas florícolas a certos microclimas ou condições de abrigo;
Falta de mão de obra específica em floricultura;
Apoio técnico aos floricultores insuficiente;
Falta de formação para técnicos e produtores a trabalhar em floricultura;
Pouca diversidade e falta de divulgação dos trabalhos de experimentação levados a cabo por parte das entidades públicas e privados;
Quase inexistência de campos de demonstração de cultivo;
Falta de formação profissional específica na área da floricultura, especialmente, no âmbito da pós-colheita;
Preço do transporte elevado e falta de capacidade de transporte (exportação e expedição) de flores por via aérea;
Dificuldade com disponibilidade de transporte (aéreo e marítimo) para aceder a mercados diretos (exportação e expedição);
Falta de algumas infraestruturas e equipamentos nas cooperativas para processamento e embalamento de flores;
Dificuldade em assegurar a qualidade do plantio importado para engorda, durante o período de transporte;
Quase inexistência de eventos de promoção dos produtos florícolas produzidos na RAA;
Setor da floricultura pouco desenvolvido em algumas ilhas da RAA;
Dificuldade de alguns produtores interessados em iniciar a produção de flores de corte para exportação em se associarem;
Impossibilidade de admissão de novos sócios/floricultores em algumas das cooperativas;
Necessidade de constituição de mais associações e cooperativas vocacionadas para a expedição/exportação de flores e prestação de apoio técnico na área florícola;
Dados estatísticos disponíveis, nomeadamente em floricultura, são pouco representativos da realidade do setor na RAA;

A propagação de material vegetal de proteáceas nas explorações de próteas não ser efetuada nas condições sanitárias devidas (estacas colhidas nas plantas em produção de flores de corte e risco de transmissão de pragas elevado);
Elevada dependência da importação de plantios, de fora da RAA, para a instalação de áreas de produção (riscos fitossanitários);
Falta de condições para a propagação de variedades florícolas e ornamentais nas instalações dos SO;
Falta de dimensão, das ilhas mais pequenas, para o desenvolvimento sustentável da atividade florícola.
Inexistência de profissionais com formação técnica elevada nas áreas da manutenção e recuperação de jardins históricos, podas, nomeadamente podas em altura.
Período de carência relativamente longo (2-3 anos) no início da atividade na cultura de próteas, sem a existência de ajudas compensatórias;
Falta de alguns produtos fitofarmacêuticos homologados para algumas finalidades na cultura de próteas;
Elevada taxa de mortalidade nos plantios de próteas, originando custos de produção elevados;

PONTOS FORTES

Forte tradição florícola na RAA (jardinagem, arruamentos e festividades populares, entre outros);
Conhecimento adquirido com as proteáceas para flores de corte, na seleção das variedades mais adaptadas à RAA, condições de cultivo, resistência ao transporte para longo curso e necessidades para o mercado de exportação;
Forte impacto paisagístico de interesse turístico;
Existência de jardins com elevado interesse botânico em várias ilhas, sendo repositório de muitas espécies florícolas e ornamentais e demonstrativos da adaptabilidade destas espécies à RAA;
Clima com temperaturas amenas, favorável ao desenvolvimento de várias espécies florícolas. Região com caraterísticas edofoclimáticas propícias ao aumento da produção de bolbos, fetoriais e proteáceas;
Solos ricos e férteis que permitem bom desenvolvimento e grandes produtividades;

Conhecimento e desenvolvimento por parte dos Serviços Públicos (Serviços Florestais, Serviços de Desenvolvimento Agrário, Obras Públicas e Câmaras Municipais) na multiplicação e plantação de espécies florícolas nas suas áreas de intervenção;
Existência de duas cooperativas para apoio à produção, concentração e exportação de flores de corte (proteáceas);
Produção e exportação de proteáceas na RAA em contraciclo aos países com maior produção mundial (localizados no Hemisfério Sul) conseguindo uma boa posição no mercado de exportação (proteáceas);
Desenvolvimento de cadeias de transporte e acesso aos mercados de exportação;
Reconhecimento do mercado de exportação da qualidade das flores de proteáceas produzidas na RAA;
Existência de técnicos, floricultores e viveiristas na RAA com conhecimento e experiência acumulados em floricultura;
Existência de apoios SRADR/GRA ao desenvolvimento e manutenção da floricultura, bem como à exportação de flores;
Flora instalada em zona de domínio público com possibilidade de ser explorada e valorizada financeiramente (ex: hortênsias).
Floricultura cultivada é uma mais-valia para a atividade apícola;

AMEAÇAS

Clima, por vezes adverso: perdas de produção e infraestruturas produtivas (estufas) devido a intempéries, perda da qualidade dos produtos florícolas (flores de corte), dificuldades no escoamento (exportação) devido ao cancelamento e atrasos durante o transporte (por vezes com perda de oportunidade de mercado);
Subsidiodependência do setor florícola nos apoios SRADR/GRA no que respeita ao desenvolvimento e manutenção da floricultura, bem como à exportação de flores;
Importação de produtos florícolas para consumo interno a preços abaixo do custo de produção na RAA. Dependência na RAA da importação interna e externa de muitos produtos florícolas;
Risco fitossanitário de importação de organismos com a importação de material vegetal (plantios);
Concorrência de mercado com outras regiões com os mesmos produtos florícolas para exportação que os produzidos na RAA;

Dificuldade nas ilhas mais pequenas de exportação de flores e outras ornamentais devido à falta de condições de armazenamento e transporte;
Falta de conhecimento técnico por parte de alguns operacionais das autarquias e serviços do GRA responsáveis pela manutenção da flora existente em áreas de domínio público.

OPORTUNIDADES

Crescimento do número de produtores e áreas de produção para produtos florícolas ou variedades com maior aptidão na produção e mercado de exportação (ex: proteáceas);
Aumento da produção de produtos florícolas (flores de corte, folhagens, envasados e plantios) para o consumo interno na RAA;
Acesso a mercados diretos para os produtos de exportação;
Desenvolvimento de atividades agroturísticas associadas à floricultura comercial, bem como outras atividades turísticas e de lazer nos espaços ajardinados da RAA;
Desenvolvimento de novos produtos florícolas para exportação, aproveitando as cadeias comerciais existentes (necessidade de experimentação e estudo de mercado);
Possibilidade de crescimento do mercado interno a par da evolução turística na RAA;
Desenvolver o setor florícola nas ilhas onde esta não tem representatividade, diminuindo as importações e a dependência de mercados externos no que respeita ao autoabastecimento de produtos florícolas e ornamentais;
Estudar a possibilidade de exploração de flora instalada em vias públicas por parte do setor privado (ex: hortênsias);
Promoção de ações de formação e sensibilização destinadas a técnicos e operacionais das autarquias e outros SO;
Reativação do evento “Feira da Flor” ou de eventos semelhantes, como forma de divulgar a atividade florícola localmente, aproveitando o refugo desta atividade e potenciando dinamização turística;
Realização do “Simpósio Mundial de Próteas” nos Açores;
Organização de concursos de jardins, arranjos e arte floral;
Organização de “Dias abertos”, de temáticas específicas no setor da floricultura;
Desenvolvimento de trabalhos e/ou parcerias com a Universidade dos Açores e Centro de Biotecnologia dos Açores, bem como com outras entidades externas à RAA que desenvolvam atividade nesta matéria;

Atualização e melhoramento da bibliografia existente, produzida pelos técnicos da RAA, em floricultura;
Reativação dos campos de experimentação dos SDA's;
Realização de estudos de mercado;
Utilização da "Marca Açores" para a valorização e reconhecimento dos produtos florícolas.
Cultivo de novas espécies de hortênsia e produção comercial de plantios de hortênsia para exportação, alavancada pelo desenvolvimento de uma imagem de marca forte, ligada à identidade dos Açores.
Potencial para valorização de espécies com valor ornamental em mercados externos, como são exemplo o araçá e o *Pittosporum tobira*.
Ao nível das espécies ornamentais envasadas, há experiências de campo que mostram potencial para o MPB – valorizando o produto e a imagem da zona de produção.
Identificação de novas espécies com potencial para serem reproduzidas e produzidas em maior escala visando o desenvolvimento local de espaços ajardinados, bem como da produção comercial para mercado de exportação.
Realização de estudos científicos para avaliação do interesse comercial para espécies invasoras.
Criação de escola de jardineiros especializados nas áreas da manutenção e da requalificação dos jardins, em parceria com outras similares de valor reconhecido. Ou atribuir bolsas a estudantes interessados nestas áreas para as frequentarem noutros locais.

10. Objetivos estratégicos para o desenvolvimento da floricultura na RAA

O programa do XIII Governo da Região Autónoma dos Açores define que a estratégia para a agricultura açoriana pressupõe uma visão de futuro, assente numa agricultura mais sustentável, mais diversificada e adaptada às condições edafoclimáticas dos Açores.

A definição das políticas públicas nos setores da agricultura e da transformação dos produtos florícolas, resultantes da exploração de matérias-primas produzidas pela agricultura açoriana, só poderá acontecer se existir nos Açores um espírito de cooperação entre a administração regional, os floricultores, as associações e as organizações de produtores, as estruturas de apoio à investigação, inovação e desenvolvimento tecnológico e os demais intervenientes no setor agrícola.

Neste sentido foi criado um plano de ação para que, no enquadramento deste Plano Estratégico e num horizonte de 6 anos, seja possível levar a cabo ações que permitam colmatar as principais necessidades identificadas no setor florícola e assim ir ao encontro dos seguintes objetivos estratégicos:

Objetivo estratégico 1: Promover e incrementar o acompanhamento técnico aos produtores florícolas, com maior realce na fitossanidade, de modo a aumentar a qualidade dos produtos florícolas e reduzir as perdas na produção e pós-colheita;

Objetivo estratégico 2: Promover a partilha de informação e conhecimento técnico-científico através de ações de divulgação, formação e sensibilização de técnicos, floricultores e comunidade em geral;

Objetivo estratégico 3: Promover e fortalecer o associativismo, tornando-o mais abrangente, e dotálo de condições físicas e técnicas para a exportação de produtos florícolas e dinamização do Setor;

Objetivo estratégico 4: Fomentar e promover a produção regional para o mercado local dos principais produtos florícolas consumidos na RAA, diferenciando positivamente a produção da RAA;

Objetivo estratégico 5: Realizar ações de prospeção de mercado, visando mercados externos e novas cadeias de exportação.

Objetivo estratégico 6: Incrementar a floricultura de paisagem e de interesse turístico.

No que respeita aos objetivos estratégicos anteriormente discriminados, apresentam-se os respetivos objetivos operacionais e ações a desenvolver, pelo Governo dos Açores e pelos demais intervenientes no setor florícola, a curto prazo (de 1 a 3 anos) e a médio prazo (de 4 a 6 anos):

Objetivo estratégico 1: Promover e incrementar o acompanhamento técnico aos produtores florícolas, com maior realce na fitossanidade, de modo a aumentar a qualidade dos produtos florícolas e reduzir as perdas na produção e pós-colheita

1º Objetivo operacional: Apoio técnico à floricultura

Ação a desenvolver a curto prazo:

a. Dotar os SDA's de condições e equipamentos para análise expedita e resposta imediata para diagnóstico dos principais problemas fitossanitários em floricultura.

Ações a desenvolver a médio prazo:

b. Criar um "Serviço de Extensão Rural" com técnicos da SRADR com conhecimentos na área da floricultura para apoio à produção;
c. Criar uma rede de apoio técnico em floricultura, entre os vários SDA's, para apoio às ilhas de menor dimensão;
d. Elaborar manuais técnicos para apoio de campo na fitossanidade em floricultura.

2º Objetivo operacional: Experimentação e cooperação técnica e científica

Ações a desenvolver a curto prazo:

a. Potenciar a cooperação técnica com entidades externas à Região que se encontrem a trabalhar em floricultura, em temáticas do interesse da RAA;
b. Experimentação de produção de plantas envasadas em MPB.

Ações a desenvolver a médio prazo:

c. Promover a cooperação técnica entre as diferentes entidades da RAA que trabalham no setor;
d. Promover a experimentação em floricultura recorrendo, sempre que possível, ao Modo de Produção Biológico;
e. Instalação de campos experimentais nos SDA's das ilhas onde a floricultura tem maior atividade;
f. Melhorar as condições infraestruturais e operacionais dos viveiros dos SDA's para experimentação (ex: luta biotécnica), desenvolvimento e produção de plantios, com vista à sua futura disponibilização aos produtores;
g. Promover a experimentação de produtos florícolas com aptidão e viabilidade económica na RAA, além dos já existentes;
h. Realização de estudos científicos e de mercado para a avaliação de interesse comercial de espécies consideradas invasoras;
i. Promover a experimentação técnica e científica de novas espécies com interesse paisagístico e apícola para a RAA.

3º Objetivo operacional: Aumento da capacidade produtiva

Ações a desenvolver a curto prazo:

a. Manter e incentivar o associativismo como regulador do setor florícola na RAA, permitindo o ganho de dimensão tendo em vista a exportação;
b. Incrementar a exportação através do aumento do número de floricultores;
c. Criar linhas de apoio financeiro para ATP que iniciam atividade na cultura de próteas, tendo em vista a colmatação da inexistência de rendimento financeiro durante o período de carência (2 a 3 anos), até à entrada em produção;
d. Discriminar positivamente os projetos de investimento que tenham estruturas de proteção para culturas florícolas (abrigos naturais ou artificiais) em zonas com aptidão florícola, mas expostas à ocorrência de ventos fortes;
e. Criar medida(s) de incentivo que permita(m) a majoração da remuneração de operacionais contratados para trabalho em floricultura, desde que apresentem formação profissional nesta área;
f. Sensibilizar os produtores florícolas para a aquisição de equipamentos de captação e armazenamento de água nas explorações;
g. Promover o controlo de material vegetativo à chegada à RAA, como medida de defesa das produções locais, com a atividade inspetiva independente da DSA;
h. Incluir a floricultura nos apoios comunitários destinados à conversão e manutenção a práticas e métodos de agricultura biológica (ex: PRORURAL+);
i. Promover a atividade apícola como complemento à floricultura;
j. Apoiar os custos de certificação de explorações florícolas certificadas em MPB.

Ações a desenvolver a médio prazo:

k. Proceder ao levantamento das necessidades de autorização de utilização de PF's para culturas florícolas a descoberto;
l. Criar legislação e regulamentar a colheita de flores e folhagens (ex: hortênsias e ramagem de criptoméria) em espaços do domínio público;
m. Promover a produção de plantio de hortênsias para exportação com uma imagem de marca promocional associada à identidade dos Açores.

Objetivo estratégico 2: Promover a partilha de informação e conhecimento técnico-científico através de ações de divulgação, formação e sensibilização de técnicos, floricultores e comunidade em geral

1º Objetivo operacional: Promover formação destinada a técnicos e floricultores

Ações a desenvolver a curto prazo:

a. Promover ações de formação em floricultura para técnicos da SRADR a trabalhar no setor;
b. Promover ações de formação temáticas para técnicos e floricultores nas culturas de maior relevância em cada ilha da RAA;
c. Promover formação específica, prática e de curta duração em determinadas temáticas para resposta a "problemas do momento";
d. Dotar os operacionais das autarquias e de outros Serviços Oficiais do GRA de conhecimentos teórico-práticos que permitam uma melhoria efetiva da sua atividade em floricultura;
e. Apoiar a participação dos técnicos a trabalhar em floricultura em ações de formação e noutros momentos didáticos realizados fora da RAA;
f. Promover momentos de formação e demonstração em produtos florícolas acabados (ex: arranjos florais e buquês) destinados a floristas e à comunidade em geral;
g. Incluir nos Planos de Intervenção em Formação Profissional da DRAg/SRADR momentos formativos (ex: ações de formação, workshops) em floricultura a realizar nas ilhas do arquipélago onde esta atividade tem menor expressão;
h. Promover a formação profissional em "Floricultura especializada", nomeadamente em podas em altura, recuperação de espécimes antigos e jardins históricos, arte e jardim, criação de espaços de floricultura de paisagem;
i. Promover a especialização de jardineiros na RAA;
j. Promover ações de formação e/ou sensibilização sobre associativismo e cooperativismo agrícola.

2º Objetivo operacional: Promover a troca de conhecimentos e experiências em floricultura

Ações a desenvolver a curto prazo:

a. Promover a realização de "dias abertos" para sessões de esclarecimento de temas da atualidade e partilha de conhecimento entre técnicos e produtores;
b. Criar um portal online, designado "Portal da Floricultura", que permita a divulgação e acesso a material didático e informativo em floricultura;
c. Melhorar a divulgação e organização da informação disposta online (ex: PRORURAL+) relativa a apoios de gestão SRADR de âmbito regional, nacional e comunitário, por forma a melhor elucidar os potenciais candidatos aos mesmos.

Ação a desenvolver de curto a médio prazo:

d. Contribuir para a melhoria da metodologia de recolha de informação e dados estatísticos em floricultura;

Ações a desenvolver a médio prazo:

e. Organização de um fórum anual de avaliação e debate sobre o setor da floricultura nos Açores;
f. Realização de um evento de abrangência nacional ou internacional em floricultura, em temática do interesse da RAA;

3º Objetivo operacional: Promoção de ações de divulgação

Ações a desenvolver a curto prazo:

a. Promoção e divulgação da floricultura em feiras temáticas;
b. Elaboração de folhetos informativos;

Ações a desenvolver a médio prazo:

c. Realização do evento "Feira da Flor" para promoção da floricultura junto da comunidade local e turismo;
d. Promover a organização de concursos de arte floral, jardins e arranjos florais.

Objetivo estratégico 3: Promover e fortalecer o associativismo, tornando-o mais abrangente, e dotálo de condições físicas e técnicas para a exportação de produtos florícolas e dinamização do setor;

1º Objetivo operacional: Contratação e capacitação de técnicos das Associações e Cooperativas com este setor de atividade em floricultura: **Ações a desenvolver a curto prazo:**

a. Apoiar a contratação de técnicos de floricultura por parte das Associações e Cooperativas;
b. Incentivar a formação dos técnicos das Associações e Cooperativas nas temáticas de floricultura;
c. Promover parcerias entre SO, Associações e Cooperativas com vista à melhoria do apoio técnico prestado ao floricultor e ao desenvolvimento de experimentação e investigação.

2º Objetivo operacional: Melhoria das condições físicas e de laboração:

Ação a desenvolver a médio prazo:

a. Dotar as Cooperativas de condições laborais, físicas e humanas, para o processamento e expedição de flores.

3º Objetivo operacional: Promover e potenciar o crescimento das Associações e Cooperativas

Ações a desenvolver a curto prazo:

a. Sensibilizar para a inclusão de novos produtores em Associações e Cooperativas com potencial de crescimento;

b. Ajustar o apoio do POSEI "Ajuda ao acondicionamento de próteas" em função do género botânico ou volume;

c. Promover a otimização dos recursos financeiros e criar mecanismos de avaliação de desempenho que possibilitem majorar ou diminuir os apoios a conceder às Associações e Cooperativas mediante a sua eficiência de gestão de recursos.

Ações a desenvolver a médio prazo:

d. Promover a experimentação, em parceria com os SDA's, de novas espécies e variedades com interesse comercial para o mercado local e exportação;

e. Apoiar a criação de secções de floricultura nas Cooperativas já existentes em ilhas em que este setor ainda não se encontra representado.

Objetivo estratégico 4: Fomentar e promover a produção regional para o mercado local dos principais produtos florícolas consumidos na RAA, diferenciando positivamente a produção da RAA;

1º Objetivo operacional: Promover a produção regional para o mercado interno

Ação a desenvolver a curto prazo:

a. Diferenciar os produtos florícolas regionais com a "Marca Açores".

Ação a desenvolver de curto a médio prazo:

b. Fomentar a experimentação de produtos florícolas (ex: "verdes") com interesse para produção e mercado locais.

Ações a desenvolver a médio prazo:

c. Realizar estudos de mercado regional e de avaliação de necessidades de fornecimento em parceria com entidades externas ao GRA;

d. Promover o mercado de produtos florícolas açorianos, como mercado em potencial crescimento, junto das entidades competentes em matéria de comércio e de turismo.

Objetivo estratégico 5: Realizar ações de prospeção de mercado, visando mercados externos e novas cadeias de exportação.

1º Objetivo operacional: Promover e incentivar a prospeção de novos mercados

Ações a desenvolver a médio prazo:

a. Promover a prospeção de novos mercados externos, através de exportação direta, com vista a aumentar o valor acrescentado dos produtos e subprodutos florícolas de maior relevância da RAA;
b. Incentivar a prospeção de mercados de exportação para novos produtos e subprodutos florícolas dos Açores.

2º Objetivo operacional: Melhoria das cadeias de transporte e das condições de acesso aos mercados de exportação.

Ação a desenvolver de curto a médio prazo:

a. Prospeção de circuitos comerciais para acesso aos mercados de exportação de interesse para os produtos florícolas produzidos na RAA.

Ações a desenvolver a médio prazo:

b. Promover a melhoria da eficiência das cadeias de frio nos atuais circuitos de transporte na exportação;
c. Testar a resistência pós-colheita e de transporte de novos produtos florícolas por forma a garantir a sua qualidade aquando da exportação para mercados externos à RAA.

Objetivo estratégico 6: Incrementar a floricultura de paisagem e de interesse turístico.

1º Objetivo operacional: Promover a biodiversidade florícola e cadeias de valor na atividade turística:

Ações a desenvolver de curto a médio prazo:

a. Promover junto das entidades públicas com domínio na gestão das vias públicas e espaços adjacentes, assim como parques e arruamentos, o aumento da diversidade de espécies florícolas além das já existentes;

b. Fomentar o ajardinamento dos espaços públicos com projetos de arquitetura paisagista de qualidade, valorizando nomeadamente as espécies com interesse para a apicultura em períodos de maior escassez de alimento, como são exemplos *Callistemon* spp. (lava-garrafas), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Buddleia* spp. e *Camellia japónica)*;

Ações a desenvolver a médio prazo:

a. Promover a plantação de espécies florícolas nas explorações agrícolas aumentando a diversidade da flora e a melhoria da paisagem florística e dos agroecossistemas, valorizando a paisagem e os recursos apícolas;
b. Promover a cooperação entre Serviços Oficiais da SRADR e os jardins botânicos/ ou com relevância

c. botânica para a partilha de conhecimento, avaliação, experimentação e consequente criação de produtos com interesse para o mercado através da exploração das espécies florícolas mais adaptadas à RAA;
d. Potenciar roteiros (ex:''Rota das Flores'') de visita turística a explorações, jardins, entre outros, em que a floricultura e o mundo das plantas se apresenta como uma atratividade.

Referências bibliográficas:

Agricultura e Produção biológica (dgadr.gov.pt)

Albergaria, I. (2005) *Parques e Jardins dos Açores*. Argumentum. 237p

Autoridade de Gestão do PRORURAL+, (2020) *Relatório do Ano 2019*. 380p.

CBI, (2016). *CBI Trade Statistics: Cut flowers and Foliage*. CBI Market Intelligence. Ministry of Foreign Affairs. The Netherlands. June, 2016. https://www.cbi.eu/sites/default/files/market-information/trade-statisticscut-flowers-foliage-2016.pdf Acedido em junho de 2021.

Dados Estatísticos – DRDR

Domingues, A. (2014). *Protea cultivation in the Azores. Frutercoop invest in quality improvement and market recognition.* Flora Culture International, November 2014. 22-23p.

Domingues, A. (2017). *Próteas, uma cultura em expansão*. *In*: Pingo de Lava. "Os Montanheiros". Dezembro, 2017. 30-35p.

Domingues, A. & Ormonde, C. (2009). *Próteas dos Açores*. Associação de Produtores de Frutas, de Produtos Hortícolas e Florícolas da Ilha Terceira. ISBN 978-989-20-1659-7, 110pp.

Formação Profissional - DRAg

Frutercoop (2021). Setor Florícola. Disponível em: https://fruter.pt/frutercoop/setor-floricola Acedido em agosto de 2021.

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2013). *Floricultura e Plantas Ornamentais 2012*. Disponível em: https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=158464432&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt Acedido em junho de 2021.

Martins, M. J. (2020). *De Amesterdão a Lisboa. O negócio das flores vale milhões.* Diário de Notícias, 9 de março de 2020. https://www.dn.pt/1864/de-amesterdao-a-lisboa-o-negocio-das-flores-vale-milhoes11886810.html Acedido em agosto de 2021.

Meco, I. (2019) *Jardins de Lisboa – Histórias de espaços, plantas e pessoas*. Arteplural Edições. 167p.

Nation Master (2021). *Países Baixos – Produção de Flores – 1986-2019*. Disponível em: https://www.nationmaster.com/nmx/timeseries/netherlands-flowers-production Acedido em junho de 2021.

Observatório da Complexidade Económica (OEC) (2019). *Exportadores e Importadores de Flores de Corte em 2019*. Disponível em: https://oec.world/en/profile/hs92/cut-flowers?redirect=true Acedido em junho de 2021.

Petal Republic (2021). *Floristry e Floriculture Industry Statistics & Trends* (15-03-2021). Disponível em: https://www.petalrepublic.com/floristry-and-floriculture-statistics/#1-global-floriculture-productionstatistics Acedido em junho de 2021.

Quintal, R. (2007) *Quintas, Parques e Jardins do Funchal – Estudo Fitogeográfico*. Esfera do Caos. 702p.

Serviço Regional de Estatística dos Açores (SREA) (2017). *Inquérito à Floricultura e Plantas Ornamentais 2017*. Disponível em: https://srea.azores.gov.pt/upl/%7B5c60f800-a471-45c7-9c99a11d38e02b18%7D.pdf Acedido em junho de 2021.

Secretaria Regional da Agricultura e Florestas (SRAF) (2020). *Plano Estratégico para a Apicultura nos Açores 2020-2029*. Governo dos Açores, Secretaria regional da Agricultura e Florestas. 56pp.

Recenseamento Agrícola 2019

Relatório de execução POSEI, 2019

Ventura, J.E. (2019). *A Competitividade da Horticultura Ornamental*. DRAg/SRAF. Lusoflora, 2019.

PRORURAL+